



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º Grau canónico)

PAULO JORGE DA COSTA GOMES

Um encontro pascal

A conversão de Saulo de Tarso em Act 9, 1-31

Dissertação final
sob orientação de:
Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga
2015

SIGLAS

Antigo Testamento

Gn	Génesis
Ex	Êxodo
Dt	Deuteronómio
Js	Josué
Jz	Juízes
1Sm	1.º Samuel
2Sm	2.º Samuel
1Rs	1.º Reis
Ne	Neemias
Tb	Tobite
1Mac	1.º Macabeus
Jb	Job
Sl	Salmos
Is	Isaías
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Jn	Jonas

Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
Act	Actos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Cor	1.ª Coríntios
2Cor	2.ª Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
1Ts	1.ª Tessalonicenses
Flp	Filipenses
1Tm	1.ª Timóteo
Heb	Hebreus
1Jo	1.ª João

Versões da Escritura

TEB	Tradução Ecuménica da Bíblia
BJ	Bíblia de Jerusalém
LXX	Setenta (versão grega da Escritura)

Outras siglas

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
a. C.	Antes de Cristo
d. C.	Depois de Cristo
op. cit.	Obra citada
art. cit.	Artigo citado
Ibid.	Mesma obra e mesmo autor

INTRODUÇÃO

*Chamais por nós com essa voz divina,
E nós ouvimos, de alma a Vós rendida,
Com toda a fé que as almas ilumina
Nos caminhos da vida.*

LITURGIA DAS HORAS

Surgida a oportunidade de trabalhar no âmbito da teologia bíblica, foram sugeridos alguns textos da obra lucana (Lc e Act). Das diversas sugestões, optámos por Act 9, 1-31, um dos textos da conversão de Saulo de Tarso. O facto de estar repetido por três vezes no Livro dos Actos (Act 9, 1-31; 22, 1-21; 26, 1-23) é já indicador da sua importância, no contexto dos escritos lucanos, mas também mostra a sua credibilidade histórica. Além disso, trata-se de um dos episódios fundamentais da vida do apóstolo Paulo, aqui descrito sob o olhar do autor do Livro dos Actos. Desta forma, o autor assume-se como alguém exterior ao evento, apresentando pontos de vista diferentes de Paulo quando refere o mesmo acontecimento nas suas cartas.

Assim, um dos principais motivos da escolha de Act 9, 1-31 para estudo foi a sua importância, no contexto neo-testamentário, e na biografia de Saulo de Tarso. Do ponto de vista pessoal, seduz-nos o seu carácter paradigmático. De facto, apresenta-se-nos como um modelo de discipulado e de adesão a Jesus Cristo que tanto tem marcado o nosso percurso pessoal e espiritual. Além disso, o facto de a Igreja Católica celebrar a festa litúrgica da “Conversão de São Paulo” (25 de Janeiro) mostra que Paulo continua a ser um modelo eloquente para todos os cristãos.

Dado o texto em causa, a narratologia seria a escolha mais natural como método de análise textual. No entanto, atendendo ao nível de estudo em que nos encontramos, poderia ser considerado ousado optar por tal empreendimento. Assim, metodologicamente, desenvolvemos o estudo tendo em conta este método de análise, mas sem por ele optarmos em absoluto. Para o aprofundamento da análise do texto, optámos por alguns dos seus mais conhecidos comentários na exegese contemporânea, como por exemplo os de Daniel Marguerat, Gehard Lohfink ou Sophie Reymond, entre outros. Uma opção que se torna evidente e compreensível, se olharmos ao percurso que nos propomos realizar.

No primeiro capítulo, tentaremos enquadrar o texto num conjunto de contextualizações gerais, a fim de compreender da melhor forma o ambiente onde Lucas situa este episódio marcante da vida de Saulo de Tarso. Para isso, apresentamos alguns apontamentos históricos, geográficos, sócio-culturais e religiosos, observando, assim, tudo aquilo que constrói a vida onde se encontra este importante acontecimento.

No segundo capítulo, procederemos à análise do texto de Act 9, 1-31, começando com a sua apresentação na fonte grega e respectiva tradução. Seguem-se a sua estruturação e delimitação textual. Como elementos narrativos, analisaremos os seus lugares, tempos e personagens. Concluiremos este capítulo com uma sinopse dos três textos da conversão de Saulo, nos Actos dos Apóstolos.

No terceiro capítulo, tentaremos um aprofundamento teológico de alguns dos temas mais significativos do relato em causa. Optaremos por analisar o “encontro com Jesus Ressuscitado” e depois destacaremos a importância dos diferentes “mediadores” na acção que se desenrola. Olharemos, ainda, este episódio da vida de Saulo como uma “experiência pascal” e, no final do capítulo, problematizaremos as várias designações possíveis do episódio, enunciando as implicações e fragilidade de cada uma.

A conclusão deste trabalho, além da necessária retrospectiva sobre a investigação levada a cabo, apresentará alguns tópicos de reflexão, que sublinham a importância deste tema para o “hoje” da comunidade cristã. Nesse sentido, apresentaremos, algumas imagens que podem sugerir um discernimento pessoal e comunitário. Outro dos tópicos incide sobre as propostas que o texto endereça à comunidade eclesial do nosso tempo. O penúltimo ponto da conclusão confronta o olhar de Paulo, nas suas cartas, com o que Lucas escreve sobre o acontecimento da sua conversão. Apresentaremos, finalmente, a conversão de Saulo como um modelo de discipulado e de adesão a Jesus Cristo que tem tanto de original como de intemporal.

I. UM ACONTECIMENTO SITUADO

Ao iniciarmos este trabalho, pretendemos apresentar um conjunto de coordenadas históricas, geográficas, sócio-culturais e religiosas que ajudarão a compreender Act 9, 1-31 na concretude do seu “tempo e espaço”. Não pretendemos dar informações sobre o texto em si, mas clarificar o contexto em que o episódio ocorreu, de modo a ter uma compreensão mais ampla do relato.

O primeiro apontamento é geográfico, com vista a compreendermos o “onde” em que o texto se situa. Os lugares nele apresentados permitem-nos perceber que estamos no horizonte da Palestina, numa área que se estende de Jerusalém, a sul, até Tarso, a norte. Daqui visualizamos as diferentes regiões em questão: a Judeia, a Samaria e a Galileia, a Siro-Fenícia, o Líbano, a Síria e a Cilícia, dados que clarificamos mediante o mapa que se segue¹. Estas regiões, assim denominadas à época da redacção do Livro dos Actos, correspondem, na actualidade, a países como Israel, Cisjordânia, Líbano, Síria e Turquia.



Mapa 1. *Médio Oriente*. Localizamos as áreas em questão: a Palestina, onde se situa Jerusalém; a Síria, onde encontramos a cidade de Damasco e a Cilícia, onde se situa Tarso, cidade natal de Saulo. Está indicado o percurso que Saulo fez em direcção à cidade de Damasco, durante o qual ocorreu a cristofania.

¹ Mapa retirado de P. LEMAIRE – D. BALDI, *Atlante storico della Bíblia*, ed. Marietti, Roma 1955, p. 243.

Perante isto, importa considerar algumas das mais importantes localizações que surgem neste relato: a cidade de Jerusalém, a cidade de Damasco, a estrada entre ambas e, ainda, as cidades de Cesareia e Tarso.

Jerusalém, destino de Saulo a fim de se encontrar com a comunidade dos discípulos (Act 9, 26), destaca-se pela sua simbologia e significado teológico, assim como pela sua importância política e religiosa². Situada na cordilheira central de montanhas da Palestina, possuía uma localização privilegiada, a nível estratégico: entre a costa mediterrânica e o vale do Jordão. Terá sido fundada em tempo pré-histórico, mas já há registos dela na 12.^a dinastia egípcia (início do II milénio a. C.). Sofreu várias tentativas de ocupação pelos israelitas (cf. Jz 1, 8; 1Sm 5, 6-9) e, depois da ocupação destes, foi fustigada por um grande número de invasões e conquistas ao longo dos séculos até ser, também, conquistada pelos romanos (ano 63 a. C.) e mais tarde completamente destruída pelos mesmos (ano 70 d. C.)³. Note-se que “Lucas dá a Jerusalém uma posição central”⁴, pois é o lugar do mistério pascal e donde parte a pregação do Evangelho para todo o mundo. Neste relato, em particular, surge como “lugar teológico” onde Saulo vai buscar a legitimidade apostólica junto dos discípulos⁵.

Damasco é uma cidade antiga, ocupada por vários dos reinos e impérios que conquistaram a Síria ao longo dos séculos. Era conhecida pela sua beleza, a ponto de ser chamada “pérola do oriente” ou “olho do deserto”, um verdadeiro oásis⁶. No âmbito da temática que nos ocupa, importa referir que é a capital da província romana da Síria. Situada na encruzilhada das rotas de caravanas comerciais mais importantes, Damasco tornava-se, por esse motivo, uma cidade estratégica e comercialmente próspera⁷. Possuía, à época de Saulo,

² Cf. J. GNILKA, *Pablo de Tarso: Apóstolo y testigo*, ed. Herder, Barcelona 2002, p. 39. Este autor demonstra o interesse teológico na vinculação de Saulo à cidade de Jerusalém e, conseqüentemente, aos apóstolos.

³ Sobre a história de Jerusalém, sugerimos a leitura de J. L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, ed. Paulus, São Paulo 1983, pp. 473-479.

⁴ *Ibid.*, p. 479.

⁵ Cf. J. MURPHY O'CONNOR, *Paulo: Biografia crítica*, ed. Loyola, São Paulo 2000, p. 68.

⁶ Cf. R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991, p. 186.

⁷ Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 210.

uma significativa comunidade de judeus⁸, assim como um número considerável de cristãos⁹, o que acaba por a tornar um dos alvos da perseguição daquele (Act 9, 1).

A “estrada de Damasco” referida no relato, corresponderia ao “grande caminho do norte”¹⁰ que unia a cidade de Jerusalém à Síria e à Siro-Fenícia¹¹.

Cesareia, mais conhecida como Cesareia marítima (a fim de não ser confundida com Cesareia de Filipe, na região da Itureia, extremo norte da Palestina) era uma importante cidade à beira mar, construída no tempo de Herodes, o Grande. Possuía o mais importante porto de mar da Palestina e tornou-se a residência do governador romano, transformando-se na cidade capital regional do Império Romano, ainda que de forte influência helenística¹². Saulo passa por Cesareia antes de ser enviado para Tarso (Act 9, 30) estabelecendo, deste modo, um primeiro contacto com a cultura romana que viria a ser um dos seus mais importantes auditórios de evangelização.

Cidade-natal de Saulo, localizada na província da Cilícia, Tarso era uma espécie de encruzilhada das mais importantes rotas comerciais, o que a tornou comercialmente próspera¹³. De origem fenícia, depois de helenizada durante o século II a. C., viria a ser a sede do governador da Cilícia aquando da conquista romana no século I a. C., o que tornou-a “um esplêndido exemplo da amálgama de elementos helenísticos, anatólios e sírios”¹⁴. Cidade cosmopolita, “ao tempo de Saulo era um reconhecido centro cultural e intelectual”¹⁵. A sua constante movimentação de pessoas e bens tornou-a numa cidade de grande diversidade de

⁸ Cf. J. FITZMYER, *Hechos de los Apóstoles II*, ed. Sígueme, Salamanca 2003, p. 37. “A large community of Jews resided in Damascus; note that Luke uses the plural “synagogues” (9:2)” (P. WALASKAY, *Acts*, ed. Wetsminster John Knox Press, Louisville – Kentucky 1998, p. 95). Cf. também J. GNILKA, *op. cit.*, pp. 41-42.

⁹ Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 162.

¹⁰ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 20.

¹¹ “El camino que iba de Jerusalén a Damasco atravesaba Jericó, remontaba el Jordán hacia el norte y torcía al noreste poco antes del lago Genesaret. Atravesando las regiones de Betania y Traconítidis, se aproximaba al oasis en el que se encontraba Damasco, ciudad amurallada y de renombre histórico” (J. GNILKA, *op. cit.*, p. 42).

¹² Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 162.

¹³ Uma importante descrição da cidade de Damasco é feita em E. FRADES GASPAS, “Pablo: el encuentro com Jesús que le cambió la vida”, in *Iter*, 48-49 (2009), pp. 13-17.

¹⁴ J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 909.

¹⁵ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 26.

peças e, assim, de filosofias, religiões, cultos místicos e, até, deuses¹⁶. No tempo romano, ganhou o estatuto de *civitas libera et immunis*, ou seja, uma cidade livre e isenta de certos impostos, que deu a muitos dos seus habitantes a imediata cidadania romana¹⁷. Este elemento pode explicar a cidadania romana de Saulo (Act 22, 25-29), natural desta cidade. Saulo volta para Tarso depois de ter sido forçado a sair de Jerusalém (Act 9, 30). Ali terá permanecido até ser procurado por Barnabé, a fim de iniciar, com ele, a evangelização da Grécia (Act 11, 25).

Aqui chegados, impõe-se um breve apontamento histórico. Partindo dos indícios apresentados ao longo do texto, podemos localizar os acontecimentos deste relato por volta dos anos 36-39 d. C.¹⁸. Nesse seguimento, passamos a apresentar dados históricos que podem clarificar o contexto do relato em estudo.

A região da Palestina havia sido ocupada pelo Império Romano a partir do ano 63 a. C., tendo sido, conseqüentemente, dividida administrativamente em vários territórios¹⁹. Existiam as províncias romanas da Síria, onde encontramos a cidade de Damasco; a província da Fenícia e, ao norte, a província da Cilícia, onde está localizada Tarso. Por sua vez, o Reino de Israel conheceu várias convulsões que suscitaram uma divisão administrativa desde a morte de Herodes, o Grande (ano 4 a. C.). À época do acontecimento da conversão de Saulo, o reino de Israel estava em convulsão, devido a disputas entre os descendentes de Herodes, o Grande²⁰. O “rei Agripa”, a quem Saulo apresenta a seu discurso (Act 26, 1-23), será Agripa II, ainda pertencente à dinastia herodiana, que governou entre os anos 50 e 93 d. C., como rei de Israel.

¹⁶ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 92.

¹⁷ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, pp. 19-20.

¹⁸ Datação apresentada em P. LEMAIRE – D. BALDI, *op. cit.*, p. 242.

¹⁹ Para aprofundar o tema das conquistas do Império Romano na Palestina consultar *Ibid.*, pp. 181-219.

²⁰ Depois da morte de Herodes, o Grande, o imperador romano Augusto dividiu o território de Israel pelos três filhos daquele rei: Arquelaus recebeu, como etnarca, a Judeia, Idumeia e Samaria; Antipas, como tetrarca, recebeu a Galileia e a Pereia; Filipe, como tetrarca, a Bataneia. Estes iriam entrar em conflito por disputa do título de “rei” questionando a mútua legitimidade na sucessão de seu pai. Para aprofundar este tema sugerimos a leitura de *Ibid.*, pp. 205-218. 241-264.

A presença do Império Romano trouxe vários tipos de mudanças: políticas, acima referidas, mas também económicas, de grande impacto na região. É preciosa a descrição que disso faz Bento XVI:

“A estrutura político-administrativa do império romano, que garantia paz e estabilidade desde a Britânia até ao Egipto meridional, unificando um território de dimensões nunca vistas. Neste espaço, as pessoas podiam mover-se com suficiente liberdade e segurança, usufruindo entre outras coisas, de um sistema rodoviário extraordinário, e encontrando em cada ponto de chegada características culturais de base que, sem prejudicar os valores locais, representavam contudo um tecido comum de unificação *super partes*”²¹.

O rico sistema de estradas que Roma construiu por todo o Império permitiu a livre circulação e comércio de bens dentro das suas fronteiras, assim como a livre circulação de pessoas entre as suas províncias²². Esta notável organização dos meios de transporte do Império terá ajudado à difusão do cristianismo²³. Assim se compreende as várias deslocações que Saulo faz entre as várias cidades sem qualquer tipo de problema²⁴.

Não obstante os impactos político-económicos que o Império Romano trouxe à região da Palestina, deve considerar-se outro elemento de semelhante impacto: a cultura grega, “que depois de Alexandre Magno se tinha tornado património comum pelo menos do Mediterrâneo oriental e do Médio Oriente, mesmo que tenha integrado em si muitos elementos das culturas de povos tradicionalmente considerados bárbaros”²⁵. Com a chegada do Império Romano, esta situação permaneceu inalterada, pois Roma conquistou militarmente a Grécia, mas absorveu completamente os elementos da sua cultura. De facto, Roma veio fortalecer e

²¹ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo Paulo (1): o ambiente religioso-cultural*.

²² Isto facilitou a dispersão dos cristãos e dos judeus por outros territórios além Israel, quer por perseguições (cristãos), quer pela diáspora (judeus). De facto, ambos estão espalhados por todo o Império Romano. (Cf. P. LEMAIRE – D. BALDI, *op. cit.*, pp. 205-218. 241-264).

²³ Cf. D. ROPS, *História da Igreja de Cristo I: A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, ed. Livraria Tavares Martins, Porto 1956, pp. 134-135.

²⁴ D. Rops refere que estas viagens seriam feitas a pé ou em pequenos grupos (como seria o caso de Saulo) ou em grandes caravanas, conforme as rotas comerciais (Cf. *Ibid.*, pp. 65-69. 128-142).

²⁵ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo Paulo (1): o ambiente religioso-cultural*.

propagar, com novos elementos, aquilo que era a cultura grega (filosofia, religião, ética), como é comprovado pelo facto de a língua grega ter permanecido como língua franca de toda a região oriental do Império Romano e ter, posteriormente, um papel único na propagação da mensagem cristã, dentro e fora das fronteiras do Império Romano.

Paralelamente, porque estamos a falar da região da Palestina, impõe-se algumas considerações sobre a cultura hebraica, uma cultura bem específica, circunscrita e minoritária perante o domínio do Império Romano²⁶, pelo que é fundamental apresentar a religião judaica à época deste acontecimento da vida de Saulo:

“Trata-se de um judaísmo plural, composto de grupos e movimentos, com pensamento próprio e formas diversas de agir e praticar a Lei, tendo cada um destes movimentos as suas normas e modos de interpretar a Torah, assim como comportamentos próprios face ao Templo, ao Culto, ao Sacerdócio e à relação com o poder político que os Romanos exerciam”²⁷.

Um dos movimentos mais influentes à época era o dos fariseus, ao qual pertencia Saulo (Act 26, 5)²⁸.

Entre as principais figuras do judaísmo, destaca-se o Sumo-sacerdote. Poderia ter sido Caifás, em exercício entre os anos 18-36 d. C. ou Jonathan, em exercício durante pouco tempo, entre 36 e 37 d. C. A sua influência estendia-se a todas as regiões que possuíssem consideráveis grupos de judeus²⁹.

²⁶ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo Paulo (1): o ambiente religioso-cultural*.

²⁷ J. LOURENÇO, “O mundo de São Paulo. Duas culturas – uma mesma fé”, in *Itinerarium*, 193 (2009), p. 31.

²⁸ Para aprofundar o tema do farisaísmo de Saulo, sugerimos a leitura de J. MURPHY O’CONNOR, *op. cit.*, pp. 69-76.

²⁹ “Las cartas habrían sido documentos autorizando el trabajo que Saulo iba a hacer en Damasco, donde se había asentado un numerosa comunidade judia. Hch 26, 11 da a entender que Saulo tuvo éxito en conseguir las cartas de autorización. La carta de 1Mac 15, 16-21 muestra que las autoridades romanas habían outorgado al sumo sacerdote judío, en cuanto autoridade del sanedrín, el poder de perseguir fugitivos com cartas de extradición. No está claro, sin embargo, hasta qué punto eso sería aplicable a los judíos de la diáspora, y mucho menos a los que podían haberse convertido al cristianismo” (J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 19). Daqui entendemos que o Sumo-sacerdote teria autorização para perseguir os fugitivos ou desertores, mas o mesmo não se pode dizer dos judeus da diáspora e dos judeo-cristãos. Questiona-se até que ponto a autoridade do Sinédrio (e do Sumo-sacerdote) poderia ser exercida sobre os judeo-cristãos da diáspora que, muito provavelmente, ainda frequentavam as sinagogas.

Outra instituição fundamental do judaísmo desta época era o Sinédrio, o conselho superior dos hebreus, que funcionava também como tribunal quer de competência religiosa, quer de competência secular. Era composto por membros das três classes sociais: os anciãos, o Sumo-sacerdote em funções (e os anteriores) e os escribas³⁰. A sua jurisdição estava restrita à Judeia, no entanto “como supremo corpo religioso, possuía certa autoridade – difícil de definir com exactidão – sobre as comunidades judaicas da Diáspora: o Sinédrio, por exemplo, mandou mensageiros a Damasco para prender os cristãos (Act 9, 2; 22, 5; 26, 12)”³¹. Portanto, apesar de a questão da jurisdição fora da Judeia ser ambígua, o Sinédrio tinha, de facto, o poder de mandar prender e aplicar certos castigos, ainda que não pudesse aplicar a pena capital, que estava reservada à aprovação do governador romano³².

³⁰ Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 885.

³¹ *Ibid.*

³² Cf. *Ibid.*, pp. 885-886. Outro depoimento sobre a jurisdição do Sinédrio pode encontrar-se em R. FABRIS, *op. cit.*, pp. 186-187.

II. O TEXTO DE ACT 9, 1-31

O segundo capítulo do presente trabalho consiste na apresentação e análise de Act 9, 1-31. Em primeiro lugar, na sua fonte grega, seguida da tradução e proposta de estruturação. Em seguida, procedemos à sua delimitação textual, na sua localização mais lata e na sua definição como ‘micro-relato’. Nesse seguimento, analisamos os elementos narrativos mais importantes, a saber: tempo, espaço e personagens. Por fim, estabelecemos um paralelo entre os três textos da conversão de Saulo que Lucas apresenta no Livro dos Actos dos Apóstolos. Esta sinopse pretende dar um olhar de conjunto sobre os três textos, mostrando suas semelhanças e diferenças mais substanciais, assim como evidenciar a pertinência dos temas de Act 9, 1-31.

1. Texto grego³³

- (1) Ὁ δὲ Σαῦλος ἔτι ἐμπνέων ἀπειλῆς καὶ φόνου εἰς τοὺς μαθητὰς τοῦ κυρίου, προσελθὼν τῷ ἀρχιερεῖ
- (2) ἠτήσατο παρ’ αὐτοῦ ἐπιστολὰς εἰς Δαμασκὸν πρὸς τὰς συναγωγάς, ὅπως ἐάν τις εὕρη τῆς ὁδοῦ ὄντας, ἄνδρας τε καὶ γυναῖκας, δεδεμένους ἀγάγῃ εἰς Ἱερουσαλήμ.
- (3) ἐν δὲ τῷ πορεύεσθαι ἐγένετο αὐτὸν ἐγγίξειν τῇ Δαμασκῷ, ἐξαίφνης τε αὐτὸν περιήστραψεν φῶς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ
- (4) καὶ πεσὼν ἐπὶ τὴν γῆν ἤκουσεν φωνὴν λέγουσαν αὐτῷ, Σαοὺλ Σαοὺλ, τί με διώκεις;
- (5) εἶπεν δέ, Τίς εἶ, κύριε ; ὁ δέ, Ἐγὼ εἰμι Ἰησοῦς ὃν σὺ διώκεις·

³³ E. NESTLÉ – K. ALAND, *Novum Testamentum Graecae*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1995, pp. 345-347. A fim de evitar confusão com as notas de rodapé, optamos por indicar os versículos entre parênteses, ao contrário do habitual número em expoente.

- (6) ἀλλὰ ἀνάστηθι καὶ εἴσελθε εἰς τὴν πόλιν,
καὶ λαληθήσεται σοι ὅ τί σε δεῖ ποιεῖν.
- (7) οἱ δὲ ἄνδρες οἱ συνοδεύοντες αὐτῷ εἰστήκεισαν ἐνεοί,
ἀκούοντες μὲν τῆς φωνῆς μηδένα δὲ θεωροῦντες.
- (8) ἠγέρθη δὲ Σαῦλος ἀπὸ τῆς γῆς, ἀνεωγμένων δὲ τῶν ὀφθαλμῶν
αὐτοῦ οὐδὲν ἔβλεπεν.
χειραγωγοῦντες δὲ αὐτὸν εἰσήγαγον εἰς Δαμασκόν.
- (9) καὶ ἦν ἡμέρας τρεῖς μὴ βλέπων, καὶ οὐκ ἔφαγεν οὐδὲ ἔπιεν.
- (10) Ἦν δὲ τις μαθητῆς ἐν Δαμασκῷ ὀνόματι Ἀνανίας, καὶ εἶπεν πρὸς αὐτὸν
ἐν ὄραματι ὁ κύριος, Ἀνανία. ὁ δὲ εἶπεν, Ἰδοὺ ἐγώ, κύριε.
- (11) ὁ δὲ κύριος πρὸς αὐτόν, Ἀναστάς πορεύθητι ἐπὶ τὴν ῥύμην τὴν
καλουμένην Εὐθείαν καὶ ζήτησον ἐν οἰκίᾳ Ἰούδα Σαῦλον ὀνόματι Ταρσέα·
ἰδοὺ γὰρ προσεύχεται
- (12) καὶ εἶδεν ἄνδρα ἐν ὄραματι Ἀνανίαν ὀνόματι εἰσελθόντα καὶ ἐπιθέντα
αὐτῷ τὰς χεῖρας ὅπως ἀναβλέψη.
- (13) ἀπεκρίθη δὲ Ἀνανίας, Κύριε, ἤκουσα ἀπὸ πολλῶν περὶ τοῦ ἀνδρὸς
τούτου ὅσα κακὰ τοῖς ἁγίοις σου ἐποίησεν ἐν Ἱερουσαλήμ·
- (14) καὶ ὧδε ἔχει ἐξουσίαν παρὰ τῶν ἀρχιερέων δηῆσαι πάντας
τοὺς ἐπικαλουμένους τὸ ὄνομά σου.
- (15) εἶπεν δὲ πρὸς αὐτόν ὁ κύριος, Πορεύου, ὅτι σκεῦος ἐκλογῆς ἐστίν μοι
οὗτος τοῦ βαστάσαι τὸ ὄνομά μου ἐνώπιον ἐθνῶν τε καὶ βασιλέων
υἰῶν τε Ἰσραήλ·
- (16) ἐγὼ γὰρ ὑποδείξω αὐτῷ ὅσα δεῖ αὐτὸν ὑπὲρ τοῦ ὀνόματός μου παθεῖν.
- (17) Ἀπῆλθεν δὲ Ἀνανίας καὶ εἰσῆλθεν εἰς τὴν οἰκίαν καὶ ἐπιθεὶς ἐπ' αὐτόν
τὰς χεῖρας εἶπεν, Σαοὺλ ἀδελφέ, ὁ κύριος ἀπέσταλκέν με, Ἰησοῦς ὁ ὀφθεις
σοι ἐν τῇ ὁδῷ ἣ ἦρχου, ὅπως ἀναβλέψῃς καὶ πλησθῆς πνεύματος ἁγίου.
- (18) καὶ εὐθέως ἀπέπεσαν αὐτοῦ ἀπὸ τῶν ὀφθαλμῶν ὡς λεπίδες, ἀνέβλεψέν
τε καὶ ἀναστάς ἐβαπτίσθη

(19) καὶ λαβὼν τροφήν ἐνίσχυσεν.

Ἐγένετο δὲ μετὰ τῶν ἐν Δαμασκῷ μαθητῶν ἡμέρας τινάς

(20) καὶ εὐθέως ἐν ταῖς συναγωγαῖς ἐκήρυσσεν τὸν Ἰησοῦν ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ.

(21) ἐξίσταντο δὲ πάντες οἱ ἀκούοντες καὶ ἔλεγον, Οὐχ οὗτός ἐστιν ὁ πορθήσας εἰς Ἱερουσαλήμ τοὺς ἐπικαλουμένους τὸ ὄνομα τοῦτο, καὶ ὧδε εἰς τοῦτο ἐληλύθει ἵνα δεδεμένους αὐτοὺς ἀγάγη ἐπὶ τοὺς ἀρχιερεῖς;

(22) Σαῦλος δὲ μᾶλλον ἐνεδυναμοῦτο καὶ συνέχυνεν τοὺς Ἰουδαίους τοὺς κατοικοῦντας ἐν Δαμασκῷ συμβιβάζων ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ Χριστός.

(23) Ὡς δὲ ἐπληροῦντο ἡμέραι ἱκαναί, συνεβουλεύσαντο οἱ Ἰουδαῖοι ἀνελεῖν αὐτόν·

(24) ἐγνώσθη δὲ τῷ Σαύλῳ ἡ ἐπιβουλὴ αὐτῶν.

Παρατηροῦντο δὲ καὶ τὰς πύλας ἡμέρας τε καὶ νυκτὸς ὅπως αὐτὸν ἀνέλωσιν·

(25) λαβόντες δὲ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ νυκτὸς διὰ τοῦ τείχους καθῆκαν αὐτὸν χαλάσαντες ἐν σπυρίδι.

(26) Παραγενόμενος δὲ εἰς Ἱερουσαλήμ ἐπείραζεν κολλᾶσθαι τοῖς μαθηταῖς, καὶ πάντες ἐφοβοῦντο αὐτόν μὴ πιστεύοντες ὅτι ἐστὶν μαθητῆς.

(27) Βαρναβᾶς δὲ ἐπιλαβόμενος αὐτόν ἤγαγεν πρὸς τοὺς ἀποστόλους καὶ διηγήσατο αὐτοῖς πῶς ἐν τῇ ὁδῷ εἶδεν τὸν κύριον καὶ ὅτι ἐλάλησεν αὐτῷ, καὶ πῶς ἐν Δαμασκῷ ἐπαρρησιάσατο ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ Ἰησοῦ.

(28) Καὶ ἦν μετ' αὐτῶν εἰσπορευόμενος καὶ ἐκπορευόμενος εἰς Ἱερουσαλήμ, παρρησιαζόμενος ἐν τῷ ὀνόματι τοῦ κυρίου,

(29) ἐλάλει τε καὶ συνεζήτει πρὸς τοὺς Ἑλληνιστάς, οἱ δὲ ἐπεχείρουν ἀνελεῖν αὐτόν.

(30) Ἐπιγνόντες δὲ οἱ ἀδελφοὶ κατήγαγον αὐτόν εἰς Καισάρειαν καὶ ἐξαπέστειλαν αὐτόν εἰς Ταρσόν.

(31) Ἡ μὲν οὖν ἐκκλησία καθ' ὅλης τῆς Ἰουδαίας καὶ Γαλιλαίας καὶ Σαμαρείας εἶχεν εἰρήνην οἰκοδομουμένη καὶ πορευομένη τῷ φόβῳ τοῦ κυρίου καὶ τῇ παρακλήσει τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐπληθύνετο.

2. Tradução do texto³⁴

- (1) Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo-sacerdote
- (2) e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém.
- (3) Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu³⁵.
- (4) Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”³⁶
- (5) Ele perguntou: “Quem és Tu, Senhor?” Respondeu: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues.
- (6) Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer”.
- (7) Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém.
- (8) Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco,
- (9) onde passou três dias sem ver, sem comer nem beber.
- (10) Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: “Ananias!” Respondeu: “Aqui estou, Senhor”.
- (11) O Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento”.

³⁴ Durante o estudo feito para este trabalho, elaboramos uma proposta de tradução deste texto a fim de conseguirmos uma maior apropriação e aprofundamento do mesmo. No entanto, porque queremos apresentar uma tradução fiel à sua fonte original e, por uma questão de uniformidade metodológica, optamos por apresentar a tradução portuguesa retirada de *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, 5.ª edição, Fátima 2008.

³⁵ TEB: “Seguindo o seu caminho, ele se aproximava de Damasco, quando, de repente, uma luz vinda do céu o envolveu com o seu brilho”. BJ: “Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade”.

³⁶ O texto grego utiliza o termo Σαούλ que podemos traduzir por “Saúl”. Assim, a mais correcta tradução deste chamamento seria: “Saúl, Saúl, porque me persegues?”.

TEB: “Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saúl, Saúl, por que me persegues?’”. BJ: “Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saúl, Saúl, por que me persegues?’”.

(12) Saulo, entretanto, viu numa visão um homem, de nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista.

(13) Ananias respondeu: “Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar todo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém.

(14) E agora está aqui com plenos poderes dos Sumos-sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome”.

(15) Mas o Senhor disse-lhe: “Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel³⁷.

(16) Eu mesmo lhe hei-de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome”.

(17) Então, Ananias partiu, entrou na dita casa, impôs as mãos sobre ele e disse: “Saulo, meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobrares a vista e fiques cheio do Espírito Santo”³⁸.

(18) Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o baptismo.

(19) Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco.

(20) Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus.

(21) Os que o ouviam ficavam estupefactos e diziam: “Não era ele que, em Jerusalém, perseguia aqueles que invocam o nome de Jesus? Não tinha ele vindo aqui expressamente para os levar, presos, aos Sumos-sacerdotes?”

³⁷ TEB: “Vai, pois este homem é um instrumento por mim escolhido para dar testemunho do meu nome perante as nações pagãs, os reis e os israelitas”. BJ: “Vai, porque este homem é para mim um instrumento de escolha para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos filhos de Israel”.

³⁸ Tal como v. 4, o termo grego utilizado para chamar Saulo é Σαούλ. “Saúl” seria a tradução mais correcta. Deste modo, as seguintes traduções são mais fiéis à fonte original: TEB: “Saúl, meu irmão, é o Senhor que me envia – este Jesus, que te apareceu no caminho que seguias – a fim de que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo”; BJ: “Saúl, meu irmão, o Senhor me enviou, Jesus, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo”.

(22) Mas Saulo fortalecia-se cada vez mais e confundia os judeus de Damasco, demonstrando-lhes que Jesus era o Messias.

(23) Passado muito tempo, os judeus combinaram matá-lo,

(24) mas Saulo foi avisado das suas intenções. Até as portas da cidade eram guardadas, noite e dia, com o fim de o matarem.

(25) Então os discípulos, tomando-o de noite, fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto.

(26) Chegado a Jerusalém, Saulo procurava reunir-se aos discípulos, mas todos tinham medo dele, não querendo acreditar que fosse um discípulo³⁹.

(27) Barnabé tomou-o, então, consigo, levou-o aos Apóstolos e contou-lhes como ele, no caminho, tinha visto o Senhor, que lhe falara, e com que coragem ele anunciara o nome de Jesus em Damasco.

(28) A partir desse dia, ficou com eles, indo e vindo por Jerusalém e confessando corajosamente o nome do Senhor.

(29) Dirigia-se também aos helenistas e discutia com eles, mas estes planeavam a sua morte⁴⁰.

(30) Os irmãos, porém, ao saberem disto, levaram-no para Cesareia e fizeram-no seguir para Tarso.

(31) Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, crescia como um edifício e caminhava no temor do Senhor e, com a assistência do Espírito Santo, ia aumentando⁴¹.

³⁹ TEB: “Chegado a Jerusalém, Saulo procurava agregar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não conseguindo acreditar que fosse verdadeiramente discípulo”; BJ: “Tendo chegado a Jerusalém, tentava associar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não acreditando que fosse, de fato, discípulo”.

⁴⁰ TEB: “Ele conversava com os helenistas e discutia com eles; eles porém procuravam matá-lo”; BJ: “Dirigia-se também aos helenistas e discutia com eles, os quais, porém, projectavam tirar-lhe a vida”.

⁴¹ TEB: “A Igreja, em toda a extensão da Judeia, da Galileia e da Samaria, vivia então em paz, ela se edificava e procedia no temor do Senhor, crescendo, graças ao apoio do Espírito Santo”; BJ: “Entretanto, as Igrejas gozavam de paz em toda a Judeia, Galileia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo”.

3. Estrutura textual

Entre as muitas estruturas possíveis, apresentamos a que se segue⁴²:

- vv. 1-2: **Saulo, o perseguidor.**
- vv. 3-9: **A caminho de Damasco, a Cristofania.**
 - vv. 3-7. Cristofania: diálogo entre Jesus ressuscitado e Saulo;
 - vv. 8-9. Os efeitos directos do encontro sobre Saulo: cegueira e jejum;
- vv. 10-19a: **Em Damasco, a dupla visão e a mediação de Ananias.**
 - vv. 10-16. Diálogo entre o Senhor e Ananias;
 - vv. 17-19a. Encontro entre Ananias e Saulo: cura e baptismo de Saulo;
- vv. 19b-25: **1.ª actividade evangelizadora, pregação e conspirações**
 - vv. 19b-20. Pregação de Saulo em Damasco;
 - vv. 21-24. Conspirações dos judeus contra Saulo;
 - vv. 25. Fuga de Saulo de Damasco;
- vv. 26-30: **Encontro com a comunidade de Jerusalém, testemunho, conspirações.**
 - vv. 26. Suspeitas da comunidade sobre Saulo;
 - vv. 27-28. Mediação de Barnabé e entrada na comunidade;
 - vv. 29. Conspirações dos helenistas contra Saulo;
 - vv. 30. Fuga de Saulo de Jerusalém;
- v. 31: **Epílogo, o crescimento da Igreja**⁴³.

⁴² Seguimos de perto a proposta de estrutura textual presente em D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, ed. Labor et Fides, Genève 2007, pp. 314-315. No entanto, optamos por distinguir os versículos 1-2 dos versículos 3-9 na linha de autores como O. FLICHY, *La Figure de Paul dans les Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris 2007, pp. 56-66; Ch. L'EPLATTENIER, *Les Actes des Apôtres*, ed. Labor et Fides, Genève 1992, pp. 117-125; ou R. FABRIS, *op. cit.*, pp. 186-195. Estes autores pretendem destacar a apresentação de Saulo como perseguidor, distinguindo esta cena da seguinte, o encontro com o Ressuscitado e respectivo diálogo.

⁴³ A inclusão do refrão de crescimento do versículo 31 no relato da conversão de Saulo não é consensual entre os exegetas. D. Marguerat inclui-o na sua proposta, assim como R. Fabris. Noutra linha estão autores como Ch. L'Eplatténier e O. Flichy que terminam a sua análise no versículo 30.

4. Delimitação textual

Neste ponto, estabelecemos os limites do texto em estudo, estabelecendo as fronteiras determinadas por um conjunto de “indicadores de limite”⁴⁴ que situam este texto no “macro-relato” e no “micro-relato”.

4.1. O texto no “macro-relato”

Podemos localizar o texto em estudo dentro de uma estrutura geral do Livro dos Actos dos Apóstolos⁴⁵:

Parte I: Caminho da Igreja de Jerusalém com os doze	Act 1 – 12
1) Prólogo e ligação entre o caminho de Jesus e o da Igreja	1
2) Testemunho da Igreja de Jerusalém	2, 1 – 8, 3
Pentecostes	2
Testemunho de Jerusalém	3 – 5
Os helenistas: Estêvão	6, 1 – 8, 3
3) Testemunho fora de Jerusalém	8, 4 – 12, 25
Testemunho do helenista Filipe	8, 4-40
<i>Conversão e primeira actividade de Saulo</i>	9, 1-30 (31) ⁴⁶
Actividade de Pedro	9, 31 – 11, 18
A Igreja de Antioquia	11, 19-30
Perseguição da Igreja de Jerusalém	12, 1-25

⁴⁴ D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *Cómo ler los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000, p. 54.

⁴⁵ A fim de apresentar uma estrutura geral do Livro dos Actos dos Apóstolos, optamos pela proposta de R. AGUIRRE MONASTERIO – A. RODRÍGUEZ CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Estella 2012, p. 389.

⁴⁶ O autor desta estruturação apresenta este texto até ao v. 30 (Cf. *Ibid.*). Ver nota 43.

Parte II: Caminho de Paulo até ao confim do mundo	Act 13 – 28
1) Primeira viagem e problemas	13, 1 – 15, 35
A viagem	13 – 14
A assembleia	15, 1-35
2) A grande missão	15, 36 – 19, 22
Primeira etapa	15, 36 – 18, 22
Segunda etapa: evangelização de Éfeso	18, 23 – 19, 22
3) Viagem de Paulo preso a Jerusalém e Roma	19, 23 – 28, 31
Viagem a Jerusalém pela Macedónia e Acaia	19, 23 – 21, 26
Prisão e testemunho em Jerusalém	21, 27 – 23, 11
Prisão e testemunho em Cesareia	23, 12 – 26, 32
Viagem a Roma e testemunho na dita cidade	27 – 28

No plano mais amplo, ou seja, no que se refere à sua localização no Livro dos Actos dos Apóstolos, é necessário destacar a importância do diácono Estêvão, especificamente no episódio da sua lapidação (7, 54-60), onde encontramos a primeira referência ao personagem Saulo (7, 58)⁴⁷. A sua presença neste momento dramático⁴⁸ serve de apresentação do personagem ao leitor (*mise-en-scène*): a partir daqui fica conhecido como o “perseguidor”. Esta referência faz com que não seja um completo desconhecido quando voltar à cena, a partir do capítulo 9. Este momento marca o início da actividade persecutória que desencadeou contra a comunidade de Jerusalém (8, 1-3) e que levou à sua dispersão.

⁴⁷ Cf. S. REYMOND, “Paul sur le chemin de Damas (ac 9, 22 et 26). Temps et espace d’une expérience”, in *Nouvelle Revue Théologique*, 118 (1996), p. 523. Esta autora chama-lhe o “nascimento literário” de Saulo. Ao encontrar Saulo, pela primeira vez, no momento do martírio de Estêvão, o autor está a antecipar o que será a vida de Saulo.

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 522. A visão de Estêvão (7, 55-56) também traz importantes detalhes: vê Cristo de pé, à direita de Deus, é a posição do julgamento, não apenas de Estêvão, ele mesmo indica a todos: “olhai” (7, 55) como manifestação de julgamento universal, do qual Saulo, ali presente, também participa.

Em 8, 4, os Actos suspendem a narração de Saulo para continuar com a da actividade dos diáconos (8, 4-40), no âmbito da qual Filipe se reveste de especial importância, pois marca a evangelização da Samaria como a segunda etapa deste processo, depois de Jerusalém e da Judeia (cf. Act 1, 8). A actividade evangelizadora de Filipe é confirmada pelos apóstolos Pedro e João (8, 14-25), evidenciando a necessidade da apostolicidade na missão evangelizadora como garante da união, pelo grupo dos doze, à Igreja.

O episódio que se segue é o encontro de Filipe com o eunuco etíope (8, 26-40), que se reveste de um simbolismo muito especial. Dada a sua localização no capítulo 8, apresenta-se como uma síntese de toda a actividade eclesial de evangelização, quer como método, quer na universalidade da sua expansão. A presença da autoridade apostólica com Pedro e João (8, 14), o gesto apostólico da imposição das mãos (8, 17) e anúncio de Jesus Cristo (8, 35) e o Baptismo (8, 38) são gestos reforçados na sua importância quando surgirem referidas novamente no posterior relato da conversão de Saulo (9, 1-31).

O próprio diácono Filipe também tem um papel importante. Depois do martírio de Estêvão, Filipe fica a chefiar a comunidade helenista que se instala em Jerusalém (8, 1). Este facto terá incitado a curiosidade de Saulo que é, posteriormente, enviado pelo Sinédrio para impedir que o mesmo acontecesse em Damasco (9, 1-2).

Estes textos, que destacam o papel de Estêvão e de Filipe, têm um carácter premonitório sobre tudo o que se irá passar com Saulo, nos capítulos seguintes. Desde a perseguição por causa do nome de Jesus, o testemunho fora de Jerusalém, o papel dos apóstolos ou a evangelização dos pagãos, tudo isto estará presente na vida de Saulo que, a partir do capítulo 9, conhece um maior destaque.

Em Act 9, 1, começa o primeiro texto da conversão de Saulo, que será retomado noutros dois: 22, 1-21 e 26, 1-23⁴⁹. O personagem Saulo será um dos protagonistas da acção

⁴⁹ No ponto 6 deste capítulo, apresentamos uma análise comparativa destes três textos da conversão de Saulo apresentados por Lucas.

evangelizadora futura e o autor atribui tanta importância a este facto que dedica praticamente todo o capítulo 9 ao acontecimento que despoletou uma mudança decisiva na sua vida⁵⁰.

Quanto aos limites posteriores a Act 9, 1-31, podemos incluir o “refrão de crescimento” (9, 31) como pertencente ao relato, à semelhança do indicado na estruturação acima apresentada. Ainda no capítulo 9 (v. 32) é retomada a acção pastoral de Pedro, apresentando muitas semelhanças com as acções de Jesus quer nos milagres realizados, entre os quais a cura de um parálítico (9, 31-35) e a ressurreição de Tabitá (9, 36-43), quer nos locais percorridos, a saber: a Judeia, a Samaria e a Galileia. Mediante esta apresentação da actividade de Pedro, o autor afirma a continuidade da obra de Jesus Cristo na sua Igreja. Além disso, apresenta ao leitor uma síntese da acção da Igreja que Saulo encontraria daí em diante.

As “visões” voltam a estar presentes no capítulo 10, sendo a visão de Cornélio (10, 1-8) paradigmática da acção apostólica junto dos gentios, aceite e confirmada pela Igreja de Jerusalém. Este elemento sublinha a universalidade da acção de Deus, não ficando a missão apostólica restrita ao povo judeu. Este capítulo centra, novamente, a atenção no apóstolo Pedro, com a sua visão em Jope (vv. 9-33), o discurso na casa de Cornélio (vv. 34-43) e o Baptismo dos primeiros pagãos (vv. 44-48).

A fundação da Igreja de Antioquia (11, 20) marca a terceira etapa da acção evangelizadora cristã. Depois de muitos se terem dispersado na perseguição, na sequência do martírio de Estêvão, encontramos aqui uma “nova Igreja” que ultrapassa as fronteiras de Jerusalém, mas não deixa de perder o vínculo aos apóstolos. Note-se, a este respeito, que Barnabé é enviado a esta igreja (11, 22). Neste contexto, retorna à cena Saulo que é procurado por Barnabé para irem juntos para Antioquia, onde irá permanecer durante um ano (11, 25).

A sequência narrativa poderia ser alargada, ainda, até ao capítulo 12, onde se dá uma nova perseguição: é executado o primeiro apóstolo, Tiago (12, 2); Pedro é preso (12, 3). Observamos, deste modo, o progressivo desaparecimento da primeira geração de apóstolos e

⁵⁰ Cf. R. FABRIS, *op. cit.*, p. 183.

o conseqüente despontar de uma nova geração (Paulo, Barnabé, João Marcos, entre outros), o que garante a continuidade da Igreja e da sua autoridade apostólica.

Esta continuidade é assegurada pelo início das viagens missionários de Saulo, no capítulo 13, onde o autor dá, por definitivo, a afirmação do nome “Paulo” em vez de Saulo. O seu primeiro grande discurso (13, 16-43) apresenta semelhanças com o discurso de Estêvão (7, 1-53) fazendo, assim, a tão necessária inclusão com o início desta sequência narrativa na figura, discurso e martírio de Estêvão.

4.2. O texto no “micro-relato”

No plano mais restrito do “micro-relato” (9, 1-31), pretendemos encontrar os indicadores que o delimitam. Apesar de a divisão por capítulos não ser critério de delimitação textual⁵¹, este relato da conversão de Saulo coincide com o início do capítulo 9. São vários os indicadores de limite que justificam esta demarcação: a entrada do personagem Saulo (9, 1); a indicação temporal de época de perseguição (9, 1-2); a indicação espacial da estrada entre Jerusalém e Damasco (9, 3) e, por fim, a indicação temática da “conversão/vocação de Saulo”, objectivo primordial do autor, que será desenvolvido nos versículos seguintes.

O mesmo tipo de indicadores pode ser aplicado para encontrarmos o final deste relato. D. Marguerat sugere um conjunto de inclusões em paralelismo que marcam o seu início e final, porque entre eles há, na sua opinião, uma “inversão da situação”⁵², tal como apresentamos de seguida:

⁵¹ Cf. D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, pp. 54-55.

⁵² Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, pp. 317-318.

A	v. 1	viagem de Jerusalém para Damasco
B	v. 1	Saulo, o perseguidor
C	v. 2	Saulo é inimigo da “via”
D	v. 1	Saulo persegue para a morte os cristãos
E	v. 1	a Igreja em perigo de morte
A'	v. 26	viagem de Damasco para Jerusalém
B'	v. 29	Saulo é ameaçado e perseguido
C'	v. 30	Saulo fala com liberdade o nome do Senhor
D'	v. 30	Saulo fica com eles fraternalmente
E'	v. 31	a Igreja goza de paz e cresce

Assim, podemos verificar que, no v. 31, há uma inversão da situação inicial do v. 1⁵³. O relato termina obrigatoriamente no v. 31, dado que, no v. 32, entra em cena novamente Pedro, com indicações espaço-temporais e temáticas distintas do tema da “conversão/vocação de Saulo”, pelo que marca o início de uma nova sequência.

5. Elementos narrativos

Neste ponto, apresentaremos a análise de alguns dos elementos narrativos mais importantes, a saber: os tempos, os lugares e os personagens.

5.1. Os tempos

O indicador temporal é um dos elementos a considerar na análise das narrativas bíblicas. Este texto, em particular, dá-nos várias referências temporais, conferindo uma maior riqueza e profundidade temporal ao relato.

⁵³ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 66.

<i>Entretanto</i>	v. 1 “Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes (...)”.
<i>Quando</i>	v. 3 “Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu (...)”.
<i>Subitamente</i>	v. 3 “ (...) quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu”.
<i>Três dias</i>	v. 9 “(...) passou três dias sem ver, sem comer nem beber”.
<i>Nesse instante</i>	v. 18 “Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista (...)”.
<i>Imediatamente</i>	v. 20 “Começou, então, imediatamente, a proclamar que Jesus era o Filho de Deus ”.
<i>Alguns dias</i>	v. 19b “(...) passou alguns dias com os discípulos em Damasco”.
<i>Muito tempo</i>	v. 23 “Passado muito tempo, os judeus combinaram matá-lo”.
<i>Noite e dia</i>	v. 24 “Até as portas da cidade eram guardadas, noite e dia (...)”.
<i>Noite</i>	v. 25 “Então os discípulos, tomando-o de noite, fizeram-no descer (...)”.
<i>A partir de...</i>	v. 28 “A partir desse dia, ficou com eles, (...)”.
<i>Entretanto</i>	v. 31 “Entretanto, a Igreja gozava de paz (...)”.

As primeiras três inscrições temporais – indicadas na tabela acima – remetem para o ambiente de perseguição que se fazia sentir na época. Saulo toma parte nesta conjuntura que havia começado com o momento dramático do martírio de Estêvão (Act 7, 54-60). De facto, a partícula “entretanto” (v. 1) marca a continuidade com os capítulos anteriores, sublinhado a actividade persecutória de Saulo e seus companheiros (vv. 1-2).

É precisamente durante esta referência temporal – a perseguição aos cristãos – que acontece a Cristofania (v. 3-7), o momento revelador do Senhor Ressuscitado. O encontro dá-se “subitamente” (v. 3), ou seja, de repente, sem qualquer aviso prévio, tal como um assalto que ninguém poderia prever⁵⁴. Este carácter surpreendente é um modo lucano de referir a intervenção divina.

⁵⁴ Cf. C. L. SUÁREZ CODORNÍU, “Un assalto ‘que nos une en fraternidad’. Una lectura de Hechos de los Apóstoles 9, 1-19”, in *Iter*, 56 (2011), pp. 104-106. Este autor apresenta a Cristofania como um “assalto” de Cristo a Saulo, dado a seu carácter repentino e surpreendente, o espanto que causa e o aparente vazio que deixa (prostrado no chão e cego).

De um “tempo inaugural”, marcado pela circunstância dramática do martírio de Estêvão, passamos ao “tempo de Saulo”, onde ele se destaca como perseguidor, acentuando este como um “tempo de perseguição”; para que, por fim, se dê lugar ao “tempo de Cristo”⁵⁵. A “luz” assinala uma ruptura temporal – “subitamente” – dando lugar a um tempo novo, com a presença do Ressuscitado. O encontro marca um tempo de questionamento (“Quem és Tu, Senhor?”) e um tempo de revelação (“Eu sou Jesus” [v. 5]).

Os “três dias” (v. 9) de profundo significado simbólico, à semelhança do tempo da morte de Cristo estabelecem a “morte do perseguidor” para o “nascimento do discípulo”, pois constituem um tempo intermédio entre a destruição do seu projecto persecutório e a reconstrução da sua identidade como discípulo. Assim, este texto aponta o tempo da morte do perseguidor, para o novo nascimento, tal como o tempo da ressurreição, depois da experiência de morte.

Uma nova referência temporal é estabelecida com o surgimento de Ananias (vv. 10-17). A “dupla visão” (vv. 10-16) marca uma profunda união temporal entre Saulo e Ananias, que se concretiza plenamente com o encontro de ambos (vv. 17-19a). Este encontro é comandado por Deus, uma iniciativa divina onde se opera um tempo de cura, um tempo sacramental (Baptismo – v. 18). O advérbio “imediatamente” (v. 20) apresenta a prontidão do seu testemunho como anunciador de Jesus, inaugura o “tempo do anúncio”, encetado na referência a “alguns dias” (v. 19b) da sua permanência em Damasco.

Depois do tempo de testemunho nas sinagogas de Damasco, os judeus conspiram a fim de capturar Saulo (v. 23). A referência a “passado muito tempo” (v. 23) torna problemática a

⁵⁵ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, pp. 522-526. S. Reymond analisa este relato distinguindo vários “tempos” na medida em que vão surgindo personagens/acontecimentos significativos, e estes mudem, de certa maneira, o decurso da história narrada. Esta autora apresenta: o “tempo inaugural”, com Estêvão; o “tempo de Saul” ou tempo da perseguição; o “tempo de Cristo”, na Cristofania; e o “o tempo dos homens”, com Ananias.

tentativa de inscrever o “tempo narrado” deste relato, pois é difícil encontrar o limite temporal desta referência⁵⁶.

O relato inverte a dinâmica persecutória: agora é Saulo o perseguido, mas pelos judeus. Estes vigiam as muralhas da cidade “noite e dia” (v. 24), ou seja, na totalidade do tempo, no sentido de impedir a fuga de Saulo. Ele foge “de noite” (v. 25), como manifestação das trevas, atribuídas simbolicamente aos tempos de perseguição.

A indicação “ficou com eles” (v. 28) também se reveste de carácter temporal, na medida em que indica, ainda que de modo subentendido, o tempo de permanência junto com os discípulos em Jerusalém. É, mais uma vez, um tempo de anúncio e testemunho, antes de serem repetidas, também em Jerusalém, as conspirações contra Saulo.

O relato termina com o “refrão de crescimento” (v. 31), marcando um tempo de paz e crescimento em toda a Igreja. Deste modo, faz uma inclusão, trocando o “tempo de perseguição” do início do relato com o “tempo de paz e prosperidade” do final.

Desta forma, observamos uma grande riqueza de referências temporais, desde o “tempo inaugural” do martírio de Estêvão; o “tempo de Saulo”, com a sua actividade persecutória; o “tempo de Cristo”, com a Cristofania na estrada de Damasco; o “tempo de Ananias”, na sua actividade de mediação junto de Saulo; o “tempo do testemunho e do anúncio” de Saulo, quer em Damasco, quer em Jerusalém, que dão lugar a um novo “tempo de perseguição”, mas contra Saulo; e, por último, o “tempo de paz e crescimento” da Igreja em toda a terra.

⁵⁶ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, pp. 99-100. Este autor, perante as pistas e omissões temporais quer do Livro dos Actos dos Apóstolos, quer nas cartas paulinas, apresenta o que temporalmente poderá ter acontecido: Saulo faz uma pequena visita a Damasco, onde é baptizado (Act 9, 10-19a); Imediatamente parte para a Arábia, para contemplar aquilo que foi a sua experiência na estrada de Damasco e lá permanece três anos (Gl 1,17); Regressa a Damasco onde começa a anunciar Cristo e é perseguido pelos judeus (Act 9, 19b-25); É obrigado a fugir (1Cor 11, 31-33) e vai para Jerusalém, a fim de visitar Pedro e Tiago (Gl 1, 18-19).

5.2. Os lugares

Outro dos elementos narrativos dignos de nota são os “lugares do texto”, o seu “espaço”. Act 9, 1-31 compreende um vasto conjunto de coordenadas geográficas, existindo várias referências ao movimento manifesto nas viagens entre as várias cidades apresentadas, quer por projectos pessoais, quer por mandato divino.

Jerusalém (1. ^a vez)	vv. 1-2 “ (...) foi ter com o Sumo-sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco (...)”.
Estrada de Damasco	v. 3 “Estava a caminho e já próximo de Damasco (...)”.
Damasco	v. 8b “Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco”.
Rua Direita / Casa de Judas	v. 11 “Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita (...)”.
Sinagogas de Damasco	v. 20 “Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas (...)”.
Muralha de Damasco	v. 25 “(...) fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto”.
Jerusalém (2. ^a vez)	v. 26 “Chegado a Jerusalém, Saulo procurava reunir-se aos discípulos (...)”.
Cesareia	v. 30 “Os irmãos, porém, ao saberem disto, levaram-no para Cesareia (...)”.
Tarso	v. 30 “ (...) e fizeram-no seguir para Tarso”.
Judeia, Galileia e Samaria	v. 31 “Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria (...)”.

O primeiro local assinalado é a cidade de Jerusalém, centro da fé judaica e referência também da fé cristã. Nela está sediado o Sinédrio, presidido pelo Sumo-sacerdote (v. 1), que Saulo procura, logo no início do relato, a fim de concretizar a sua perseguição contra os cristãos. Este empreendimento levá-lo-ia a um outro destino: Damasco, capital da Síria (v. 2).

A viagem realizada entre estas duas cidades marcaria para sempre a vida de Saulo, pois é na estrada de Damasco (v. 3) que acontece a Cristofania⁵⁷, em plena viagem, ainda que já próximo do seu destino. Saulo só alcançaria Damasco com a ajuda dos companheiros, sendo levado pela mão, cego, depois do encontro com o Ressuscitado (v. 8).

Continuando a ser o destino de Saulo, a cidade de Damasco (v. 8) não foi alcançada para concretizar do seu projecto pessoal de perseguição, mas por mandato do Senhor. Uma vez alcançada, é nela que se apresentam várias outras referências geográficas dignas de registo. O primeiro lugar é a “casa de Judas” (vv. 11-17), onde se encontra Saulo, cego, em jejum e oração. Depois da dupla visão, é para lá que se desloca Ananias, por ordem divina. Portanto, é na casa de Judas que se concretiza o encontro entre Ananias e Saulo, onde este é curado da sua enfermidade e baptizado. O segundo lugar são as sinagogas, onde, depois do encontro com Ananias, começa a testemunhar Cristo (v. 20-21). O terceiro lugar referido é a muralha da cidade (v. 25). É por ela que Saulo foge, com a ajuda dos discípulos, perante as conspirações dos judeus que queriam capturá-lo. A muralha apresenta-se, simbolicamente, como elemento de circunscrição, um limite que Saulo ultrapassa, mostrando o carácter universalista da sua futura evangelização, uma missão que não conhecerá qualquer tipo de fronteiras e transporá todos os obstáculos.

É então que encontramos novamente a cidade de Jerusalém (v. 26), desta vez para se concretizar o encontro entre Saulo e os discípulos. Saulo chega a estes por meio de Barnabé e é também em Jerusalém que dá testemunho de Jesus, sendo novamente ameaçado, desta vez pelos helenistas (v. 29). De novo, terá de fugir (v. 30).

Nesta fuga (v. 30), encontramos breves, mas importantes referências a Cesareia, capital regional do Império Romano, de onde Saulo parte rumo a Tarso, sua cidade natal. Aqui resume-se não só o futuro contacto com o Império Romano como um dos principais destinos

⁵⁷ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, pp. 524-525. S. Reymond apresenta a “luz” como elemento de “ruptura espacial”, pois envolve Saulo a partir “do céu” (v. 3). Esta “ruptura” marca o final do ‘projecto de Saulo’; “cai sobre a terra”, não só Saulo, mas toda a sua actividade.

da acção evangelizadora que irá empreender, como também a referência às suas raízes mais fundantes, a fim de realizar, plenamente, a reconstrução da sua identidade.

Os últimos lugares referidos estão no refrão de crescimento (v. 31), onde se sublinha o ambiente de paz na Igreja de toda a Judeia, Galileia e Samaria, numa perspectiva universalista do alcance da Igreja e da sua progressiva expansão.

5.3. *Os personagens*

Tal como os elementos geográficos e temporais, também os personagens do relato têm um papel de grande importância na análise. Encontramos, aqui, uma grande riqueza manifesta num vasto e diferenciado grupo de personagens.

Saulo	v. 1 “Saulo, entretanto, respirando ameaças e mortes (...)”.
Sumo-Sacerdote	vv. 1-2 “ (...) foi ter com o Sumo-sacerdote (...)”.
Jesus	v. 5 “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”.
Companheiros de Saulo	v. 7 “Os seus companheiros de viagem tinham-se detido (...)”.
Ananias	v. 10 “Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias”.
Judas	v. 11 “Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita (...)”.
Judeus	v. 23 “Passado muito tempo, os judeus combinaram matá-lo (...)”.
Discípulos	v. 26 “Chegado a Jerusalém, Saulo procurava reunir-se aos discípulos, mas todos tinham medo dele (...)”.
Barnabé	v. 27 “Barnabé tomou-o, então, consigo (...)”.
Apóstolos	v. 27 “(...) levou-o aos Apóstolos e contou-lhes (...)”.
Helenistas	v. 29 “Dirigia-se também aos helenistas e discutia com eles (...)”.
Igreja	v. 31 “Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria (...)”.

O primeiro personagem é Saulo (v. 1), já apresentado em Act 7, 58, aquando da presença e aprovação do martírio de Estêvão (Act 8, 1). Ao colocar Saulo, na sua primeira aparição neste livro, como aprovador e participante da perseguição aos cristãos, o autor dos

Actos está a sublinhar o seu papel persecutório em relação a qualquer outra actividade. No início deste relato (Act 9,1), o autor volta a sublinhar o seu papel de perseguidor, tomando parte da perseguição que se desenrolou depois da morte de Estêvão.

Saulo torna-se o receptor de uma “luz” que o rodeia no meio do caminho (v. 3) e dialoga com o próprio Ressuscitado. A pergunta colocada na sua boca (v. 5) é paradoxal⁵⁸: tanto questiona e manifesta desconhecimento (“quem és?” – τίς εἶ) como é já manifestação de compreensão da divindade d’Aquele que se mostra (“Senhor?” – κύριε). Recebe o mandato do próprio Senhor ressuscitado e desloca-se até Damasco (v. 6). Atesta a sua cegueira (v. 8) e é levado pela mão até ao seu destino. Fica cego durante três dias, jejua e ora (v. 9).

Em Damasco, encontra Ananias, um encontro que o cura e onde é baptizado (vv. 17-19a). É agente de testemunho e evangelização nas cidades por onde passa: primeiro em Damasco (vv. 20-22) e também em Jerusalém (vv. 28-29). Nestas cidades, é alvo de ameaças e conspirações: pelos judeus, em Damasco (v. 23), e pelos helenistas, em Jerusalém (v. 28). Ao sublinhar o seu papel de perseguidor, a dinâmica do relato quer destacar a sua “mudança de vida” numa verdadeira reviravolta “de perseguidor a perseguido”⁵⁹.

Saulo é acompanhado pelos seus companheiros (v. 7). Também estes participam, de certa maneira, naquilo que são os acontecimentos da sua vida. Eles ouvem a voz que lhe fala, mas nada vêem (v. 7), são testemunhas mudas deste acontecimento. São eles que o levam pela mão e o fazem entrar em Damasco (v. 8), que também era o seu destino enquanto participantes da perseguição com Saulo. Embora apresentados como membros secundários e passivos nos acontecimentos, não deixam de ser importantes, pois as suas apresentações estão intimamente ligadas a Saulo, seja na perseguição, seja na revelação do Ressuscitado. São, de certa forma, ajudantes “na penumbra”, porque estão presentes na manifestação da Luz do Ressuscitado.

⁵⁸ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525.

⁵⁹ D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 314.

O Sumo-sacerdote (v. 1) está subentendido no texto. Saulo vem junto dele pedir cartas, a fim de chegar aos cristãos de Damasco e os prender (v. 2). Daqui depreendemos o papel do Sinédrio e do próprio Sumo-sacerdote na condução do povo judeu.

Jesus Ressuscitado surge apresentado como “uma intensa luz vinda do Céu” (v. 3). Ele próprio apresenta-se, não deixando dúvidas: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (v. 5). Apesar da brevidade da sua apresentação (vv. 3-5), não deixa de estar presente ao longo de todo o relato: no diálogo com Ananias (v. 10-16), na sua mediação junto de Saulo (v. 17-19a); anunciado o seu nome em Damasco e em Jerusalém, pela boca de Saulo (vv. 20.22.28); na sucessão apostólica como garante da continuidade da Igreja e, finalmente, na própria comunidade que “crescia, edificava-se e caminhava no temor do Senhor” (v. 31).

Judas não é referido directamente. Dele apenas é dito que é o dono da casa onde Saulo se encontra cego, em jejum e oração (vv. 11-17). Com efeito, é na sua casa que se dá o encontro entre Saulo e Ananias, onde Saulo é curado, baptizado e fortalecido das suas forças (v. 18-19a).

Ananias é descrito como um “discípulo” (μαθητής) de Damasco (v. 10)⁶⁰. Esta figura reveste-se de grande relevância, na sua relação directa com Saulo: vai ter com ele à casa de Judas (v. 17); impõe-lhe as mãos (v. 17); baptiza-o (v. 18), acções que marcam a mediação eclesial na reviravolta da vida de Saulo. Ananias é considerado como o representante da comunidade cristã de Damasco, pois sendo “discípulo”, seria também um dos alvos da perseguição de Saulo. Daí advirá, talvez, a sua resistência aquando o chamamento do Senhor, na sua visão (v. 13-14). O Senhor vence a resistência de Ananias e mostra-lhe a nova identidade de Saulo e o seu projecto para ele (v. 15). Assim, Ananias é o intermediário da vontade de Deus para Saulo⁶¹. Esta programação divina dá-se por meio de uma “dupla

⁶⁰ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 95. Dadas as poucas informações que temos de Ananias, fica a dúvida se será um discípulo natural da Jerusalém que terá ido para Damasco depois da primeira perseguição aos cristãos (Act 8,1), ou será nativo de Damasco.

⁶¹ Retomaremos a nossa atenção ao personagem Ananias com o tema da “mediação eclesial” que será desenvolvido no segundo capítulo deste trabalho.

visão”⁶²: a visão de Ananias (vv. 10-16) que inclui, no seu interior, a mais curta visão de Saulo (v. 12). Com o mandato divino, Ananias tem a missão específica junto de Saulo, o encontro entre ambos despoleta grandes consequências na vida deste último⁶³. No que toca ao “tempo de narrar”, este encontro situa-se no centro do relato, destacando ainda mais a importância do discípulo Ananias, na mudança de vida de Saulo⁶⁴.

Deve referir-se, ainda, a presença de personagens colectivos:

Os judeus e os helenistas são apresentados como os destinatários dos primeiros anúncios de Saulo, em Damasco (vv. 20-22) e em Jerusalém (vv. 28-29), respectivamente. São os mesmos que, ouvindo o anúncio de Saulo nas suas cidades, procuram capturá-lo (v. 23) e matá-lo (v. 29). Os “helenistas” (v. 29) eram um grupo de judeus originários da diáspora e, por isso, tiveram influência da cultura grega. Além de falarem grego, eram, em geral, mais abertos do que os judeus de Jerusalém. Apesar desta abertura à discussão, tratou-se de um dos grupos que mais oposição fez à pregação de Saulo⁶⁵.

O grupo dos discípulos (v. 26) é distinto do grupo dos apóstolos (v. 27). O primeiro grupo indicará a comunidade dos crentes fiéis a Jesus Cristo, chamados “cristãos” a partir de Act 11; o segundo será o conjunto mais restrito dos doze, escolhidos directamente por Jesus Cristo.

Deste grupo de discípulos, onde já se tinha destacado Ananias, surge também Barnabé (v. 27), com um importante papel junto dos apóstolos: é ele quem leva Saulo junto deles e lhes narra tudo o que se passou com Saulo, no caminho de Damasco. Serve, portanto, de testemunho de Saulo perante o grupo dos doze apóstolos.

O relato termina com uma expansão, também do ponto de vista das personagens: ao mencionar “a Igreja” (ἐκκλησία) (v. 31), apresenta toda a comunidade cristã presente na

⁶² Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, pp. 526-527. A “dupla visão” é apresentada como a concentração máxima do tempo e do espaço. É um verdadeiro “encontro”, baseado unicamente na Palavra, “lugar” que escapa à autoridade de ambos. Na visão, é antecipado o encontro de Act 9, 17.

⁶³ Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 121.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 122. Cf. também O. FLICHY, *op. cit.*, p. 64.

⁶⁵ Cf. D. ROPS, *História da Igreja de Cristo I: A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pp. 35-39.

Judeia, Samaria e Galileia, sem qualquer diferenciação. Por conseguinte, a Igreja é tida como uma personagem colectiva de grande alcance: não só está em progressivo crescimento, como aumenta progressivamente a sua tendência universalista.

6. Sinopse dos três relatos lucanos da conversão de Saulo

No Livro dos Actos dos Apóstolos, encontramos três textos da “reviravolta” de Saulo⁶⁶: Act 9, 1-31, 22, 1-21 e 26, 1-23. De facto, a repetição por três vezes de um único episódio no mesmo livro da Escritura é testemunho da sua relevância: “por ser tão importante a sua conversão e vocação é que os Actos a descrevem por três vezes”⁶⁷.

Apresentamos, de seguida, uma tabela sinóptica destes três textos, completada com um breve comentário.

Act 9, 1-31	Act 22, 1-21	Act 26, 1-23
Interpelação		
	(1) “Irmãos e pais, ouvi agora o que tenho a dizer-vos em minha defesa”. (2) Como o ouvissem dirigir-lhes a palavra em língua hebraica, maior silêncio fizeram. Ele prosseguiu:	(1) Agripa disse a Paulo: “Estás autorizado a falar em tua defesa”. Então, estendendo a mão, Paulo começou a sua defesa: (2) “Sinto-me feliz, ó rei Agripa, por ter de me defender hoje diante de ti, das acusações apresentadas pelos judeus contra mim, (3) tanto mais que estás ao corrente de todos os costumes e controvérsias dos judeus. Rogo-te, por isso, que me oiças com paciência.

⁶⁶ “Reviravolta” é o termo utilizado em A. COUTO, *Uma palavra é melhor que um presente*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2009, p. 210.

⁶⁷ A. OLIVEIRA, *Um ano a caminhar com São Paulo*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2008, p. 13.

<i>Saulo, o fariseu</i>		
	(3) “Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas fui educado nesta cidade, instruído aos pés de Gamaliel, em todo o rigor da Lei dos nossos pais e cheio de zelo pelas coisas de Deus, como todos vós sois agora.	(4) A minha vida, a partir da mocidade, tal como decorreu desde os primeiros tempos, no meu povo e em Jerusalém, conhecem-na todos os judeus. (5) Eles conhecem-me de longa data e, se quiserem, podem atestar que eu vivi, como fariseu, segundo o partido mais severo da nossa religião.

<i>Temas: ‘Promessa’; ‘Ressurreição dos mortos’</i>		
		(6) E, agora, encontro-me aqui a ser julgado por causa da minha esperança na promessa feita por Deus a nossos pais, (7) promessa que as nossas doze tribos esperam ver realizada, servindo a Deus, noite e dia, continuamente. É a respeito dessa esperança, ó rei, que os judeus me acusam. (8) Porque é que, entre vós, se afigura incrível que Deus ressuscite os mortos?

<i>Saulo, o perseguidor dos cristãos</i>		
(1) Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo-sacerdote (2) e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém.	(4) Persegui de morte esta ‘Via’, algemando e entregando à prisão homens e mulheres, (5) como o podem testemunhar o Sumo-sacerdote e todos os anciãos. Recebi até, da parte deles, cartas para os irmãos de Damasco, onde ia para prender os que lá se encontrassem e trazê-los agrilhoados a Jerusalém, a fim de serem castigados.	(9) Quanto a mim, julguei dever levantar grande oposição ao nome de Jesus de Nazaré. (10) E foi precisamente o que fiz em Jerusalém: com pleno assentimento dos Sumos-sacerdotes, meti na prisão grande número de santos e, quando eram mortos, eu dava o meu assentimento. (11) Muitas vezes ia de sinagoga em sinagoga e obrigava-os a blasfemar, à força de torturas. Num excesso de fúria contra eles, perseguia-os até nas cidades estrangeiras.

<i>Cristofania. Diálogo com o Ressuscitado</i>		
(3) Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. (4) Caindo por terra, ouviu uma	(6) Ia a caminho, e já próximo de Damasco, quando, por volta do meio-dia, uma intensa luz, vinda do Céu, me rodeou com a sua claridade. (7) Caí por terra e ouvi uma	(12) Foi assim que, indo para Damasco com poder e delegação dos Sumos-sacerdotes, (13) vi no caminho, ó rei, uma luz vinda do céu, mais

<p>voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”</p> <p>(5) Ele perguntou: “Quem és Tu, Senhor?” Respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues.</p> <p>(6) Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens de fazer”.</p> <p>(7) Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém.</p> <p>(8) Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco,</p> <p>(9) onde passou três dias sem ver, sem comer nem beber.</p>	<p>voz que me dizia: ‘Saulo, Saulo, porque me persegues?’</p> <p>(8) Respondei: ‘Quem és Tu, Senhor?’ Ele disse-me, então: ‘Eu sou Jesus de Nazaré, a quem tu persegues’.</p> <p>(9) Os meus companheiros viram a luz, mas não ouviram a voz de quem me falava.</p> <p>(10) E prossegui: ‘Que hei-de fazer, Senhor?’ O Senhor respondeu-me: ‘Ergue-te, vai a Damasco, e lá te dirão o que se determinou que fizesses’.</p> <p>(11) Mas, como eu não via, devido ao brilho daquela luz, fui levado pela mão dos meus companheiros e cheguei a Damasco.</p>	<p>brilhante do que o sol, que refulgia em volta de mim e dos que me acompanhavam.</p> <p>(14) Caímos todos por terra e eu ouvi uma voz dizer-me em língua hebraica: ‘Saulo, Saulo, porque me persegues? É duro para ti recalçar contra o aguilhão’.</p> <p>(15) Perguntei: ‘Quem és tu, Senhor?’ E o Senhor respondeu: ‘Eu sou Jesus a quem tu persegues.</p> <p>(16) Ergue-te e firma-te nos pés, pois para isto te apareci: para te constituir servo e testemunha do que acabas de ver e do que ainda te hei-de mostrar.</p> <p>(17) Livrar-te-ei do povo e dos pagãos, aos quais vou enviar-te,</p> <p>(18) para lhes abrires os olhos e fazê-los passar das trevas à luz, e da sujeição de Satanás para Deus. Alcançarão, assim, o perdão dos seus pecados e a parte que lhes cabe na herança, juntamente com os santificados pela fê em mim’.</p>
--	---	---

<i>Visão de Ananias</i>		
<p>(10) Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: “Ananias!” Respondeu: “Aqui estou, Senhor”.</p> <p>(11) O Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento”.</p> <p>(12) Saulo, entretanto, viu numa visão um homem, de nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista.</p> <p>(13) Ananias respondeu: “Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar todo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém.</p> <p>(14) E agora está aqui com</p>		

<p>plenos poderes dos Sumos-sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome”.</p> <p>(15) Mas o Senhor disse-lhe: “Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel.</p> <p>(16) Eu mesmo lhe hei-de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome”.</p>		
--	--	--

<i>Encontro com Ananias</i>		
<p>(17) Então, Ananias partiu, entrou na dita casa, impôs as mãos sobre ele e disse: “Saulo, meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobrades a vista e ficares cheio do Espírito Santo”.</p> <p>(18) Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o baptismo.</p> <p>(19a) Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças</p>	<p>(12) Ora um certo Ananias, homem piedoso e cumpridor da Lei, muito respeitado por todos os judeus da cidade,</p> <p>(13) foi procurar-me e disse: ‘Saulo, meu irmão, recupera a vista’. E, no mesmo instante, comecei a vê-lo.</p> <p>(14) Ele prosseguiu: ‘O Deus dos nossos pais destinou-te para conheceres a sua vontade, para veres o Justo e para ouvires as palavras da sua boca,</p> <p>(15) porque serás testemunha diante de todos os homens, acerca do que viste e ouviste.</p> <p>(16) E agora, porque esperas? Levanta-te, recebe o baptismo e purifica-te dos teus pecados, invocando o seu nome’.</p>	

<i>Êxtase no Templo de Jerusalém; Mandato.</i>		
	<p>(17) De regresso a Jerusalém, enquanto orava no Templo, caí em êxtase.</p> <p>(18) Vi o Senhor e Ele disse-me: ‘Apressa-te e sai rapidamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito’.</p> <p>(19) Eu respondi: ‘Senhor, eles bem sabem que eu andava pelas sinagogas a meter na prisão e a açoitar os que acreditavam em ti.</p> <p>(20) E, quando foi derramado o sangue de Estêvão, tua testemunha, também eu estava presente, de acordo com eles, e</p>	

	<p>tinha à minha guarda as capas dos que lhe davam a morte’.</p> <p>(21) Ele, então, disse-me: ‘Vai, que te vou enviar lá ao longe, aos pagãos’.</p>	
--	--	--

<i>Efeitos: Saulo testemunha de Cristo; ameaças de morte; é perseguido.</i>		
<p>(19b) e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco.</p> <p>(20) Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus.</p> <p>(21) Os que o ouviam ficavam estupefactos e diziam: ‘Não era ele que, em Jerusalém, perseguia aqueles que invocam o nome de Jesus? Não tinha ele vindo aqui expressamente para os levar, presos, aos Sumos-sacerdotes?’</p> <p>(22) Mas Saulo fortalecia-se cada vez mais e confundia os judeus de Damasco, demonstrando-lhes que Jesus era o Messias.</p> <p>(23) Passado muito tempo, os judeus combinaram matá-lo,</p> <p>(24) mas Saulo foi avisado das suas intenções. Até as portas da cidade eram guardadas, noite e dia, com o fim de o matarem.</p> <p>(25) Então os discípulos, tomando-o de noite, fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto.</p>	<p>(22) Foram-no ouvindo até esta frase, mas, depois, ergueram a voz, dizendo: ‘Elimina da terra semelhante homem! Ele não pode continuar a viver!’</p>	<p>(19) Desde então, ó rei Agripa, não resisti à visão celeste.</p> <p>(20) Pelo contrário, aos habitantes de Damasco, em primeiro lugar, depois aos de Jerusalém e de toda a província da Judeia, em seguida, aos pagãos, preguei que se arrependessem e voltassem para Deus, fazendo obras dignas de tal arrependimento.</p> <p>(21) Eis o motivo por que os judeus se apoderaram de mim no templo e tentaram matar-me.</p> <p>(22) Amparado pela protecção de Deus, continuei a dar o meu testemunho, diante de pequenos e grandes, sem nada dizer além do que os Profetas e Moisés predisseram que havia de acontecer:</p> <p>(23) que o Messias tinha de sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar de entre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos”.</p>

<i>Encontro com os discípulos em Jerusalém</i>		
<p>(26) Chegado a Jerusalém, Saulo procurava reunir-se aos discípulos, mas todos tinham medo dele, não querendo acreditar que fosse um discípulo.</p> <p>(27) Barnabé tomou-o, então, consigo, levou-o aos Apóstolos e contou-lhes como ele, no caminho, tinha visto o Senhor, que lhe falara, e com que coragem ele anunciara o nome de Jesus em Damasco.</p>		

<p>(28) A partir desse dia, ficou com eles, indo e vindo por Jerusalém e confessando corajosamente o nome do Senhor.</p> <p>(29) Dirigia-se também aos helenistas e discutia com eles, mas estes planeavam a sua morte.</p> <p>(30) Os irmãos, porém, ao saberem disto, levaram-no para Cesareia e fizeram-no seguir para Tarso.</p>		
--	--	--

<i>Refrão de Crescimento</i>		
<p>(31) Entretanto, a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, crescia como um edifício e caminhava no temor do Senhor e, com a assistência do Espírito Santo, ia aumentando.</p>		

O paralelo estabelecido entre os três textos da conversão de Saulo presentes no Livro dos Actos (9, 1-31; 22, 1-21; 26, 1-23) permite-nos evidenciar, de um modo mais claro, as suas semelhanças e diferenças⁶⁸.

Em primeiro lugar, podemos perguntar ‘o porquê’ de três textos: acaso são descrições de eventos diferentes? Ou apenas três orientações metodológicas diferentes do mesmo e único evento?⁶⁹ “Se os Actos o transmitem três vezes, é para ilustrar a importância do acontecimento”⁷⁰.

Analisando as diferenças, a crítica literária refere como justificação que Lucas teve acesso a vários documentos-fonte para construir os três textos⁷¹. De facto, a questão de maior relevância prende-se com a função atribuída pelo autor do Livro dos Actos a cada um deles⁷².

⁶⁸ G. Lohfink faz uma breve comparação entre os três relatos em estudo. Além disso, vai comparar estes relatos do Livro dos Actos dos Apóstolos com as referências presentes nas cartas de Paulo, evidenciando as suas principais diferenças. (Cf. G. LOHFINK, *La conversion de saint Paul*, ed. Cerf, Paris 1967, pp. 24-37).

⁶⁹ Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, ed. Labor et Fides, Genève 1999, pp. 269-270.

⁷⁰ G. BARBAGLIO, *Pablo de Tarso y los orígenes cristianos*, ed. Sígueme, Salamanca 1989, p. 67.

⁷¹ Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, pp. 270-271.

⁷² Cf. D. STANLEY, *Paul's Conversion in Acts*, citado por: D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, p. 272.

D. Marguerat defende que os três textos diferem, sobretudo, em três elementos: a narração ou enunciação, o auditório e a função assumida no contexto mais lato do Livro dos Actos⁷³.

Se atentarmos na narração de cada um, logo reparamos que se trata de textos diferentes entre si: o primeiro é um relato narrado na terceira pessoa, onde se destaca a figura do narrador e os dois últimos são discursos auto-biográficos, colocados na boca de Paulo pelo autor do livro.

O auditório também varia em cada um deles. Enquanto o discurso de Act 22 está dirigido, essencialmente, aos judeus de Jerusalém, Act 26 está direccionado para uma elite política, representada na figura do rei Agripa. Por sua vez, Act 9 desdobra-se, em ambos os casos, em ordem à apresentação da credibilidade de Saulo.

Também as funções de cada um dos textos apresentam diferenças. Act 9 prepara a actividade missionária de Saulo aos “não-judeus”. No discurso de Act 22, Saulo apresenta a sua fidelidade ininterrupta à tradição judaica e, no discurso de Act 26, tenta mostrar a sua inocência, a nível judicial.

Mas, além da narração, auditório e funções, os três textos apresentam outro elemento diferenciador, o lugar teológico: em Act 9, é a “Igreja”; em Act 22, é o “judaísmo de Saulo” e, em Act 26 é a “Cristologia”⁷⁴. Assim, podemos entender o texto de Act 9 como o relato da “mediação eclesial”; Act 22 como a “afirmação do judaísmo de Saulo” e, por fim, Act 26 como a “manifestação do poder do Ressuscitado”⁷⁵.

Mas a função de cada um não é o único elemento de comparação nesta sinopse. Segundo G. Lohfink, cada um dos textos tem intenções diferentes⁷⁶: o relato de Act 9 destaca a importância da acção de Ananias e a cegueira de Saulo. Act 22 faz uma abertura de

⁷³ As três linhas de distinção entre os três relatos (narração, auditório e funções) que são a seguir apresentadas, seguem de perto o que é apresentado por D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 322.

⁷⁴ Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, p. 284.

⁷⁵ A “mediação eclesial” (Act 9), a “afirmação do judaísmo de Saulo” (Act 22) e a “manifestação do poder do Ressuscitado” (Act 26) são títulos usados em *Ibid.*, pp. 284-299.

⁷⁶ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, pp. 23-24.

destinatários “aos pagãos” (v. 21); Act 26 apresenta um discurso com uma intenção marcadamente missionária, dada a intenção de Saulo de fazer chegar o Evangelho aos pagãos (vv. 17-18).

Também G. Barbaglio apresenta diferentes títulos para cada um⁷⁷. Ao primeiro (Act 9), chama “relato de cura”, pois este texto destaca a sua recuperação da vista, a recepção do Baptismo e o acolhimento na comunidade cristã de Damasco. No segundo texto, este autor destaca a “missão universalista” a que Saulo é chamado (v. 21). O último salienta a “investidura divina do missionário dos pagãos”.

Mas observando a tabela⁷⁸ apresentada com mais atenção, verificamos que os dois discursos (Act 22 e 26) começam com uma interpelação no âmbito da qual Saulo incita os seus ouvintes a o escutarem com atenção: “Irmãos e pais” (22, 1) e o “rei Agripa” (26, 1). Nesta interpelação também conseguimos encontrar o motivo de tais pronunciamentos: são discursos apologéticos, pelo que Paulo fala, em sua própria defesa, contra as acusações que lhe são dirigidas. Porque não é um discurso, Act 9 não inclui qualquer tipo de interpelação aos ouvintes.

Act 22 e 26 apresentam, posteriormente, um motivo auto-biográfico: o farisaísmo de Saulo (Act 22, 3; 26, 4-6). No texto de Act 9, pelo contrário, não há qualquer referência ao facto de Saulo ser fariseu. Por conseguinte, o discurso de Act 26 apresenta um elemento exclusivo: Saulo desenvolve brevemente o tema da “promessa” e da “ressurreição dos mortos”, ambos muito frequentes nas suas cartas⁷⁹.

A posterior apresentação de Saulo como “perseguidor dos cristãos” é o primeiro elemento comum aos três textos. Quer o narrador de Act 9, quer o próprio personagem em

⁷⁷ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, pp. 68-69.

⁷⁸ Para apresentar as diferenças entre cada um dos relatos, D. Marguerat utiliza várias categorias para estabelecer relação entre o relato de Act 9 e os restantes (Act 22 e 26): “ampliação”, “supressão”, “transformação gramatical”, “interpolação” e “substituição”. Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, pp. 277-278.

⁷⁹ Apresentamos alguns exemplos da recorrência destes temas nas cartas de Paulo: sobre a “promessa”: Rm 4, 13-20; 2Cor 1, 20; Gl 3, 17-29; sobre a “ressurreição”: Rm 4, 24; 10, 9; 2Cor 5, 14-16; 1Ts 4, 13-18; Col 2, 12.

Act 22 e 26 destacam esta característica biográfica de Saulo. Além da apresentação de Saulo como perseguidor, é feita uma breve especificação do modo como esta perseguição era executada: o papel do Sumo-sacerdote (9, 1; 22, 5; 26, 10); a cidade-alvo Damasco (9, 2; 22, 5) e Jerusalém (26, 10); algemados ou presos (9, 2; 22, 5; 26, 10); encontrados junto das sinagogas (9, 2; 22, 5; 26, 11); eram castigados (22, 5; 26, 11).

A descrição do “encontro com o Ressuscitado”, isto é, a Cristofania, é também comum aos três textos (9, 3-7; 22, 6-11; 26, 12-18), que coincidem, portanto, no mais importante. Todos apresentam o encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco (9, 3; 22, 6; 26, 12). O agente da acção reveladora é a “luz” (9, 3; 22, 6; 26, 13) que é identificada com o próprio Senhor Jesus. Esta “luz” surge como vinda “do céu”, “envolve-o” (9, 3; 22, 6; 26, 13) por completo e fá-lo cair no chão (9, 4; 22, 7; 26, 14). Desta “luz” ouve uma “voz” que o questiona: “Saúl, Saúl, porque me persegues?” (Σαοὺλ Σαοὺλ, τί με διώκεις;) (9, 4; 22, 7; 26, 14)⁸⁰. O diálogo que se estabelece entre Saulo e o Ressuscitado coincide até no uso das mesmas palavras. “Quem és Tu, Senhor?” é a pergunta de Saulo, a que se segue a resposta reveladora: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (Ἐγώ εἰμι Ἰησοῦς ὃν σὺ διώκεις;) (9, 5; 22, 8; 26, 15). Podemos, então, dizer que “a leitura sinóptica das três versões da ‘mudança de Saúl’ revela grandes diferenças. De um relato a outro subsiste uma nova invariável: o diálogo de identificação entre Saúl e Jesus (9, 4-5; 22, 7-8; 26, 14b-15)”⁸¹.

Ainda que a Cristofania esteja descrita nos três textos de maneira quase coincidente, como acima referimos, apresenta ligeiras diferenças de pormenor. A primeira é o carácter repentino do surgimento da luz, que é destacado em 9, 3 e em 22, 6, mas não em Act 26. O segundo ponto diferenciador é a especificação da hora deste encontro: “meio-dia”, em 22, 6 e em 26, 13, mas ausente em Act 9. A terceira diferença reside no papel dos companheiros de

⁸⁰ O relato de Act 26 apresenta um acrescento exclusivo: “Saulo, Saulo, porque me persegues? É duro para ti recalitrar contra o aguilhão” (Act 26, 14). G. Lohfink sublinha a exclusividade desta frase de Jesus não repetida em nenhum outro sítio (Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 24).

⁸¹ D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (I-12)*, p. 321.

Saulo⁸²: em 9, 7 eles ouvem a voz, mas nada vêem; em 22, 9 acontece o inverso, vêem a luz sem nada ouvir. Estes companheiros conduzem Saulo até Damasco em 9, 8 e em 22, 11, motivo ausente no relato de Act 26. A descrição da cegueira de Saulo surge igualmente em 9, 8 e em 22, 11, enquanto que Act 26 não a refere. Uma última diferença prende-se com a consequência imediata do encontro com o Ressuscitado: em Act 9, 4, Saulo cai por terra sozinho, assim como em 22, 7; em Act 26 refere-se que todos caíram no chão, apesar de apenas Saulo escutar a voz (v. 14).

O elemento seguinte é visão de Ananias (9, 10-16). A apresentação da “dupla visão”⁸³ é exclusiva de Act 9. Nos discursos de Act 22 e 26, nada se diz a este respeito.

Por seu turno, a descrição do encontro com Ananias (9, 17-19a; 22, 12-16) não é exclusiva de Act 9, é observada em Act 22, mas omitida no discurso de Act 26.

Notamos, assim, que a importância dada a Ananias não é igual nos três textos. É no primeiro que lhe é dado o maior destaque, porque é neste que está mais destacado o papel da comunidade na mudança e na actividade de Saulo. Por outro lado, os discursos de Act 22 e 26 têm perspectivas diferentes, nomeadamente a afirmação do judaísmo de Saulo (Act 22) e a abertura à evangelização dos gentios (Act 26). Verificamos que Lucas intenta que o papel de Ananias seja prescindível para a narrativa que quer apresentar nos dois últimos textos.

Nesta sequência, surge, apenas no discurso de Act 22, a descrição do “êxtase no Templo de Jerusalém” (22, 17-21). Esta descrição, sem qualquer paralelo nos outros textos, apresenta alguns elementos inovadores: dialoga, mais uma vez, directamente com o Senhor (22, 18-21); recebe o mandato de envio do próprio Senhor Jesus (22, 21); recupera a memória do martírio de Estêvão (22, 20).

Outro dos elementos passíveis de ser comparado entre estes três textos é a descrição dos “efeitos/consequências” que se seguiram ao encontro com Ananias: Saulo dá testemunho de

⁸² Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 24.

⁸³ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 23. A “dupla visão” é apresentada como um elemento de “carácter complexo”, exclusiva do 1.º relato (Act 9).

Cristo (9, 19b-22; 26, 19-20); Saulo é objecto de ameaças e conspirações (9, 23-25; 26, 21-23). O discurso de Act 22 não refere estes aspectos.

Os últimos elementos a apresentar são exclusivos de Act 9: o encontro com os discípulos, em Jerusalém (vv. 26-30), e o refrão de crescimento (v. 31).

Não obstante as suas semelhanças e diferenças (textuais, estilo, auditório, funções, ou intenções teológicas), o tríplice relato da conversão de Saulo mostra a importância dada a este acontecimento pelo autor do Livro dos Actos dos Apóstolos. Destacando a “exaltação da figura de Saulo”, aquele apresenta um “perfil de identidade crente” simultaneamente diferenciado e em continuidade com o judaísmo, ou seja, é um “modelo de fidelidade ao Deus dos pais”, ainda que dê especial destaque à figura do Ressuscitado como “força transformadora da história”⁸⁴.

A visão conjunta dos textos mostra-nos um efeito comum: o antigo perseguidor foi surpreendido pelo seu próprio inimigo, Jesus Ressuscitado, que o chama a anunciar o Seu nome entre os judeus e os pagãos⁸⁵. Por este motivo, ele será agora o perseguido.

⁸⁴ Cf. D. MARGUERAT, *La première histoire du christianisme*, pp. 299-300.

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 300.

III. UM ENCONTRO COM A LUZ PASCAL

Em virtude da sua condição de autor, Lucas é um intérprete exterior a este evento da conversão de Saulo⁸⁶, e de tal modo que, tal como observámos no capítulo II, apresenta uma interpretação pessoal do acontecimento, por vezes olhado a partir de diferentes perspectivas. Os três textos acerca deste episódio no Livro dos Actos provam a riqueza de olhares que Lucas lança sobre o mesmo e único evento que terá despoletado a grande mudança na vida de Saulo. Dos três, estudámos com maior detalhe o primeiro (Act 9, 1-31), pelo que observaremos, neste capítulo, alguns dos temas que nele mais se destacam, a partir de uma leitura teológica.

Lucas dá especial importância ao encontro entre Saulo e o Ressuscitado, como ponto iniciático da “mudança”. Grande destaque é dado, também, aos mediadores deste encontro. O seu encontro e as acções mediadoras condensam em Saulo uma verdadeira experiência de morte e ressurreição, ou seja, uma autêntica experiência pascal. A fim de completar este estudo, apresentamos uma pequena reflexão sobre a melhor designação a dar a este episódio: “conversão” ou “vocação”? Sintetizaremos as opiniões de alguns autores a este respeito e terminaremos, a título pessoal, com uma possível resposta.

O título que damos a este capítulo – “um encontro com a Luz Pascal” – é uma tentativa de concentrar os diferentes temas apresentados: o encontro com Jesus, os sinais, a mediação da comunidade reunida e a experiência de morte e ressurreição. Todos eles sugerem uma verdadeira “experiência pascal”.

⁸⁶ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 520.

1. O encontro com o Ressuscitado

O “encontro com o Ressuscitado” é, notoriamente, o elemento mais importante de Act 9, 1-31. Para melhor clarificação, começamos pela apresentação do tema como um “encontro pessoal”, dando especial destaque ao diálogo estabelecido entre Saulo e o Ressuscitado; e, de seguida, centramos a nossa atenção nos “sinais” que marcam este encontro.

1.1. Um encontro pessoal com Jesus Ressuscitado

O “evento da estrada de Damasco”⁸⁷ foi, de facto, o ponto inicial da grande mudança ocorrida na vida de Saulo⁸⁸. Importa, agora, compreender o significado de tal evento, especificamente como foi marcante para Saulo e para a comunidade primitiva que o conheceu.

O encontro acontece quando Saulo vai a caminho de Damasco, a fim de concretizar o seu projecto inicial de prender os cristãos que lá encontrasse (v. 3). Ele teria, neste empreendimento, todo o apoio das autoridades judaicas de Jerusalém, de modo a levar a cabo esta perseguição⁸⁹. Porém, ao tentar concretizar a actividade persecutória, Saulo vê a sua viagem ser interrompida “quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda de Céu” (v. 3)⁹⁰. Aqui começa o “marco decisivo”: Saulo é envolvido pela luz, cai por terra e

⁸⁷ Designação dada, nalguns casos, ao episódio da “conversão de Saulo”. Um dos exemplos está em G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 69.

⁸⁸ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 522.

⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 523. Segundo S. Reymond, Lucas acentua a violência de Saulo como perseguidor, criando um verdadeiro “ritmo de morte” (v. 1). Este destaque já havia sido manifestado com a presença de Saulo na lapidação de Estêvão (7, 58) e a sua aprovação (8, 1).

⁹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 524. A luz que o rodeia (interrompendo a sua viagem) faz de Damasco – lugar do seu desejo de morte – invisível, inalcançável. No entanto, depois deste diálogo com Jesus, Saulo entra na cidade, não o lugar que ele escolheu para perseguir, mas o lugar ao qual Jesus lhe ordena ir (v. 6).

ouve uma voz (vv. 3-4). Apenas estas seriam referências suficientes para designar este episódio como um “encontro”, todavia o relato prossegue com o diálogo central⁹¹:

- “Saúl, Saúl, porque me persegues?
- Quem és tu, Senhor?
- Eu sou o Jesus, a quem tu persegues.

Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer” (vv. 4-6).

Segundo G. Lohfink, este diálogo corresponde a uma estrutura bem definida, tal como de seguida apresentamos⁹²:

A1	“... dizendo-lhe:”	Introdução do discurso
A2	“Saúl, Saúl!”	Dupla interpelação
A3	“Porque me persegues?”	Questão de Cristo
B1	“disse então”	Introdução do discurso
B2	“Quem és, Senhor?”	Questão de Saulo
C1	“e disse...”	Introdução do discurso
C2	“Eu sou Jesus, que tu persegues”	Auto-apresentação de Cristo
C3	“Mas levanta-te e vai...”	Missão

Segundo aquele autor: “Em A e em C, a solenidade do chamamento (A2) e a solenidade da auto-apresentação em ‘Eu sou’ (C2) correspondem. Trata-se do mesmo para ‘porque me persegues?’ (A3) e ‘...que tu persegues’ (C2). Entre estes dois polos encontra-se uma palavra humana que é, em simultâneo, pergunta e resposta. Esta estrutura ternária é muito impressionante: Cristo chama o ser humano, o ser humano responde-Lhe. É Cristo que tem a última palavra, revelando quem Ele é e enviando Paulo, graças à revelação que Ele faz de si mesmo. Quanto ao ser humano, é no silêncio que ele aceita a sua missão. O conjunto dá a impressão de um discurso composto e estilizado com grande arte”⁹³.

⁹¹ Ainda que existam várias diferenças nos três relatos da conversão de Saulo nos Actos, a parte central – o diálogo com o Ressuscitado – é, praticamente, inalterado nos três relatos (Act 9, 4-6; 22, 7-10; 26, 14-16).

⁹² Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, pp. 77-78. Este autor aprofunda a questão do diálogo entre Saulo e Jesus, comparando-o com vários textos vetero-testamentários. Os vários exemplos comparativos que apresenta correspondem a um modelo fixo de diálogo do Antigo Testamento, especificamente da versão dos LXX. Sobre isto, consultar *Ibid.*, pp. 77-81.

⁹³ *Ibid.*, p. 78. Também em Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, pp. 119-120 é comparado este diálogo com os vários diálogos do mesmo género do Antigo Testamento. O autor também refere que este diálogo é a estilização do encontro que assim se fixou pela tradição oral.

O texto corresponde ao modelo de “diálogo com uma aparição celeste” comum na Bíblia hebraica, que, segundo D. Marguerat, está estruturado em cinco momentos⁹⁴:

- 1.º é a aparição que toma a iniciativa de abrir o diálogo;
- 2.º ele (Saulo) é interpelado pelo seu próprio nome;
- 3.º o indivíduo (Saulo) reage com uma pergunta;
- 4.º a aparição reage com uma auto-apresentação;
- 5.º é emitido um mandato.

Perante um diálogo neste termos, podemos afirmar que o “acontecimento na estrada de Damasco” foi, de facto, um encontro pessoal entre Jesus Ressuscitado e Saulo⁹⁵. Um encontro que, em muitos aspectos, lembra outras epifanias divinas manifestadas no caminho ao longo de toda a Sagrada Escritura⁹⁶. É a partir deste diálogo com o Ressuscitado que Saulo inicia a sua “mudança de vida”, ou seja o encontro é “tão decisivo que o leva a mudar efectivamente quase toda a orientação da sua vida”⁹⁷.

Segundo Bento XVI, Saulo “foi transformado não por um pensamento mas por um acontecimento, pela presença irresistível do Ressuscitado, da qual nunca poderá sucessivamente duvidar, dado que foi muito forte a evidência do acontecimento, deste encontro”⁹⁸. Um encontro que é visto como uma experiência de Cristo, um encontro místico⁹⁹ que o levou a rever muitos dos temas da sua teologia¹⁰⁰. De facto, é o encontro que torna a mudança possível: “Esta mudança da sua vida, esta transformação de todo o seu ser não foi

⁹⁴ Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 329.

⁹⁵ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 85. “Si on remarque, pour terminer, que dans le cadre du Nouveau Testament, il n’y a guère que le livre des Actes pour utiliser la forme du ‘dialogue avec une apparition’, on se voit contraint d’affirmer que ces textes sont dus à Luc et non à une tradition anonyme née d’une quelconque communauté”. Este autor acrescenta ainda: “Le dialogue avec le Christ ressuscité constituerait le noyau essentiel et refléterait un événement historique” (*Ibid.*, p. 85).

⁹⁶ Neste aspecto podemos seguir D. Marguerat que apresenta os exemplos de luta de Jacob com o anjo (Gn 32, 23-30) e o exemplo da aparição de Jesus aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) como epifanias divinas manifestadas no caminho. (Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 328).

⁹⁷ Cf. E. FRADES GASPAS, *art. cit.*, pp. 49-50.

⁹⁸ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

⁹⁹ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 72.

¹⁰⁰ Cf. E. FRADES GASPAS, *art. cit.*, p. 55. A evolução que os temas da teologia paulina sofreram depois da sua “conversão” não é intenção deste trabalho. Para aprofundar, recomendamos o estudo de J. DUNN, *A teologia do apóstolo Paulo*, ed. Paulus, São Paulo 2003.

fruto de um processo psicológico, de uma maturação ou evolução intelectual e moral, mas vem de fora: não foi fruto do seu pensamento, mas do encontro com Cristo Jesus”¹⁰¹, um encontro que é um verdadeiro “cara-a-cara entre Jesus e Saulo”, como refere G. Barbaglio, e mediante o qual é revelada a identidade “de um e de outro, estão de frente o crucificado ressuscitado e glorificado por Deus e o seu perseguidor”¹⁰².

Mas, importa ainda deter a nossa atenção sobre o diálogo entre Saulo e o Ressuscitado, cuja primeira referência é a pergunta que se faz ouvir: “Saúl, Saúl, porque me persegues?” (v. 4).

Logo notamos que Saulo é chamado pelo seu nome em hebraico “Saúl” (Σαούλ)¹⁰³. A utilização deste nome remete-nos para a mais primitiva origem de Saulo: a sua fé judaica, as suas raízes como fariseu zeloso, a fé dos seus pais. Saulo pertencia à tribo de Benjamim a que pertencera o rei Saúl (1Sm 9, 1-2. 11, 12-15). Assim, este chamamento remete para as suas importantes origens judaicas, a sua própria identidade que, a partir deste momento, será completamente transformada. O chamamento pelo nome de modo insistente – é chamado duas vezes – pretende colher a totalidade da atenção do ouvinte¹⁰⁴. Sobre o uso deste duplo vocativo, observamos ainda que “a Sagrada Escritura oferece diversos episódios onde o vocativo repetido do nome marca ou propõe o início de uma mudança de vida”¹⁰⁵. Como testemunho disto, veja-se o chamamento de Jacob (Gn 46, 2), o chamamento do jovem Samuel (1Sm 3, 4.10) e a interpelação a Marta (Lc 10, 41).

¹⁰¹ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*. “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas est*, n.º 1, in AAS 98 [2006]).

¹⁰² G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 68.

¹⁰³ Saulo é interpelado pelo seu próprio nome, enfrentando a paradoxal revelação do Ressuscitado. Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525. Para aprofundar sobre as várias utilizações do nome (Saúl, Saulo, Paulo), remetemos para G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 16. Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 119. Este autor refere que o nome “Saúl” era forma semita do seu nome. Também J. Cazeaux aprofunda a questão do nome hebraico “Saúl”, para ler mais sobre isto ver J. CAZEAUX, *Les Actes des Apôtres – l’Église entre le martyre d’Étienne et la mission de Paul*, ed. Cerf, Paris 2008, pp. 158-161.

¹⁰⁴ Cf. C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 106.

¹⁰⁵ *Ibid.*

A segunda parte da pergunta “porque me persegues?” manifesta-se como uma acusação: “é uma pergunta que recorda e actualiza aquelas dos relatos iniciais da Escritura: ‘onde estás?’ (Gn 3, 9); ‘porque fizeste isso?’ (Gn 3, 13); ‘onde está o teu irmão?’ (Gn 4, 9). Estas perguntas buscam do ouvinte a suposição de sua responsabilidade perante seu procedimento”¹⁰⁶. Apenas a tomada de consciência de quanto mal está a fazer, levará Saulo a um autêntico crescimento¹⁰⁷.

Note-se que a resposta de Saulo manifesta o carácter paradoxal desta revelação: “Quem és Tu, Senhor?” (Act 9, 5)¹⁰⁸. Por um lado, Saulo duvida e questiona quem realmente se manifestaria daquela forma. A pergunta “Quem és Tu?” (τίς εἶ) mostra o mistério ainda inerente àquela manifestação. Por outro lado, ao utilizar o título “Senhor” (κύριε) manifesta um reconhecimento d’Aquele que lhe falou, ainda que não o compreenda na totalidade¹⁰⁹. “Com esta pergunta – que em si mesma reconhece a superioridade de quem havia perguntado primeiro (Senhor) – Saulo inicia o seu discipulado”¹¹⁰.

A resposta do Ressuscitado a este paradoxo não deixa dúvidas: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (v. 5). É o próprio Jesus Ressuscitado que se dá a conhecer, é Ele quem tem a iniciativa de se revelar¹¹¹. Com a referência “Eu sou” (Ἐγώ εἰμι), recordamos todas as vezes que Jesus assim se apresentou aos seus discípulos, tal como podemos verificar nos exemplos de Mt 14, 27, Mc 6, 50 e Jo 6, 20. “No Antigo Testamento, a apresentação de Deus como ‘eu sou’ prepara a quem escutava para uma missão particular”¹¹². Disto são exemplos as diferentes missões atribuídas a Abraão (Gn 17, 1), a Issac (Gn 26, 24) e a Jacob (Gn 31, 13).

¹⁰⁶ C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 107.

¹⁰⁷ Cf. *Ibid.*

¹⁰⁸ É a primeira vez que Saulo se exprime no Livro dos Actos. Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525.

¹⁰⁹ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525.

¹¹⁰ C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 108.

¹¹¹ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 70.

¹¹² C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 108. Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 120. Este autor também sublinha relação entre a revelação do nome e o mandato divino.

Em suma, esta referência lembra a divindade de Jesus¹¹³, tornando-se num convite a Saulo para assumir um novo compromisso¹¹⁴.

Ao completar a sua apresentação com o esclarecimento “a quem tu persegues” a identificação de Jesus não se fica apenas no plano pessoal, mas ganha uma profundidade eclesial porque, de facto, Cristo identifica-se com a comunidade dos cristãos que são perseguidos pelo próprio Saulo¹¹⁵.

O chamamento de Saulo por parte de Jesus está inscrito na atribuição de uma missão específica: “Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer” (v. 6). Saulo, cego e caído por terra, tem de ser ajudado pelos seus companheiros, aqui com um importante papel de mediadores. Chegado à cidade, encontra Ananias, outro mediador, que desta feita se apresenta como intermediário eclesial¹¹⁶.

É fundamental entender a centralidade do Ressuscitado neste encontro¹¹⁷. Jesus dá-se a conhecer a Saulo, interrompe a sua viagem e a sua actividade persecutória e inicia com aquele uma longa e profunda mudança de vida, chamando-o a uma missão concreta, universal, mas sempre com a mediação da comunidade cristã.

Ao ser um “encontro com Cristo”, trata-se de

“um acto que implica por inteiro a pessoa do apóstolo e o situa diante duma realidade nova: para Paulo, encontrar-se com Cristo significa fundamentalmente quatro aspectos importantes: que há-de considerar como morto e sepultado aquilo que viveu até agora; que de agora em diante o único ponto de referência do seu viver e do seu actuar é

¹¹³ Além da manifestação da sua divindade, esta presença marca o movimento descendente da Revelação. Perante isto, a autoridade de Jesus Ressuscitado substitui a autoridade de Saulo perseguidor. Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525.

¹¹⁴ Cf. C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 109.

¹¹⁵ “Sur le chemin de Damas, la Parole se fait chair; elle vient habiter les chrétiens persécutés” (S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525). “Cristo resucitado se identifica así con los discípulos, en realidad, con la Iglesia (cf. 22, 8; 26, 15; 1 Cor 15, 8-9; Gal 1, 12.16). Perseguir a los cristianos es perseguirle a él, que fundo el movimiento” (J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 23).

¹¹⁶ Segundo A. Wikenhauser, Jesus apenas lhe revela parte da sua vontade, remete mais informações sobre a sua futura missão para aqueles que ia encontrar em Damasco. A vontade de Jesus para Saulo é mediada, serve-se de outras pessoas para revelar a Saulo qual será, de facto, a sua futura missão. Cf. A. WIKENHAUSER, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona 1973, p. 160.

¹¹⁷ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 533.

cabalmente Jesus a quem ele está perseguindo; que não são as obras da Lei que apenas obtêm a salvação, mas também a fé em Jesus; que a salvação, porque nasce da fé em Jesus, está aberta não aos hebreus, mas também aos pagãos, e que esta missão é para ele”¹¹⁸.

Assim sendo, podemos considerar este encontro como uma experiência espiritual que determinou o fim do projecto original. Ainda que implique uma ruptura na vida de Saulo, sobressai do encontro a importância da presença de Deus que é “mais forte que a ruptura, criava continuidade”¹¹⁹.

1.2. Um encontro através de sinais

Apesar de considerarmos este episódio um verdadeiro encontro entre Jesus Ressuscitado e Saulo, temos consciência de que ele dá-se por meio de “sinais”, marcas profundas que visam apresentar a figura d’Aquele que se apresenta como o verdadeiro Jesus, o verdadeiro ressuscitado. Estamos em crer que os sinais dão ainda mais profundidade ao encontro já por si bastante rico de sentido e significado.

Um destes “sinais” é a “luz” (φῶς) que o envolve a partir do céu. O uso do termo “luz” (φῶς) tem raízes na tradição bíblica vetero-testamentária: em Gn 1, 3-4 e em Is 9, 1, por exemplo¹²⁰. A palavra significa a “luz nova, porque vinda de fora, do céu, de Deus, arrasta consigo uma nova criação, um novo nascimento”¹²¹. Observando que a “luz” (φῶς) que interrompe a viagem de Saulo é a mesma palavra – seguindo a tradução bíblica dos LXX – utilizada para a “luz” criada por Deus no primeiro dia da criação, é clara a relação que existe entre estes textos. Na verdade, o autor dos Actos pretende que este acontecimento seja lido

¹¹⁸ A. M. AGUIRRE, “La sabedoria de Pablo”, in *Iter*, 47 (2008), p. 53.

¹¹⁹ *Ibid.*, pp. 52-53.

¹²⁰ Gn 1, 3-4 (“Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas”), Is 9, 1 (“O povo que andava nas trevas viu uma grade luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles”).

¹²¹ A. COUTO, *op. cit.*, p. 211.

como uma “nova criação” ou um “novo nascimento” de Saulo¹²². De facto, “Deus que criou toda a luz revelou-se uma luz ainda maior: Paulo concentra todas as grandes obras de Deus no Antigo Testamento com o que aconteceu com ele. É uma profunda iluminação cuja fonte é a glória de Cristo, a luz da qual tudo o resto empalidece”¹²³.

O próprio Jesus Cristo apresenta-se como tal: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Esta “luz” que se mostra a Saulo é o próprio Jesus: “Cristo ressuscitado mostra-se como uma luz maravilhosa”¹²⁴. Com efeito, Saulo é iluminado por Cristo para uma nova vida, porque “Cristo ressuscitado é a luz de verdade, a luz do próprio Deus”¹²⁵ da qual Saulo se torna seguidor.

Quando se mostra, a “luz” fá-lo de modo repentino, pois envolve-o “subitamente” (v. 3). Este carácter surpreendente pretende operar uma “dupla quebra”: espacial e temporal¹²⁶. Produz uma quebra espacial, na medida em que o caminho feito por Saulo na estrada de Damasco é interrompido por algo/alguém vindo “do Céu” (v. 3), opera uma quebra temporal, porque o “tempo de Saulo”, o tempo da perseguição, é também interrompido e dá lugar a um novo tempo, de encontro com Jesus.

Ao afirmar a “luz” como “vinda do Céu” (v. 3), o autor sublinha a iniciativa divina nesta acção¹²⁷. Além disso, deixa transparecer um simbolismo pentecostal, pois a luz vem “do céu”, tal como haviam descido as línguas de fogo¹²⁸. A “luz” mostra-se, não é Saulo quem a procura; é ela que se revela e precipita em Saulo numa revisão de vida “que não foi um puro e simples processo de autoconsciência, mas um prodígio da Graça”¹²⁹. De resto, por ela abre-se

¹²² Cf. R. FABRIS, *op. cit.*, p. 188.

¹²³ C. M. MARTINI, *Il Vangelo di Paolo*, ed. Ancora, Milano 2007, p. 11.

¹²⁴ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 524. Além desta “dupla quebra”, S. Reymond refere que as indicações espaço-temporais são um ponto de partida para a compreensão teológica da conversão e da vocação (Cf. *Ibid.*, p. 521).

¹²⁷ “Celui qui interpelle Saul en hebreu, entoure d’une lumière éclatante, c’est le Seigneur glorifié” (G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 16-17).

¹²⁸ Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, pp. 328-329. No entanto, este autor sublinha que este relato da conversão de Saulo não deve ser visto como uma das aparições pascais, mas como uma forma particular de epifania.

¹²⁹ G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 68.

o entendimento a Saulo: “na realidade, a luz faz-se dentro de Paulo: a luz sobre Jesus de Nazaré e a luz sobre si mesmo”¹³⁰.

Outro dos “sinais” que aprofunda este encontro e a presença do Ressuscitado é a “voz” (φωνήν) que se faz ouvir (v. 4). Identifica Jesus Cristo, o Ressuscitado já anteriormente identificado como a “luz”¹³¹. Saulo entende logo que se trata de uma manifestação de Deus, que reconhece imediatamente como “κύριε”¹³².

A utilização do termo “φωνήν” realça o papel revelador de Deus neste acontecimento. Como refere J. Fitzmyer, sublinha a importância do aspecto auditivo, a atitude de escuta a quem se revela, tal como está inscrito nas reacções dos profetas à teofania¹³³.

A escuta é um elemento fundamental na fé e na transformação pessoal¹³⁴. Na tradição judaica, a oração quotidiana – o “Credo histórico de Israel” (Dt 6, 4-9) – apela à “escuta”. A resposta do jovem Samuel (1Sm 3, 9) realça, por exemplo, a sua importância no processo de transformação pessoal por intervenção divina. Também se faz presente na manifestação da divindade, como nos mostra a Transfiguração de Jesus (Mc 9, 7). O próprio Paulo reconhecerá, nas suas cartas, a importância da escuta no processo de transmissão da fé (Rm 10, 14-15). Ela torna-se um elemento próprio do processo de transformação pessoal:

“a escuta da palavra da revelação divina implica um verdadeiro trabalho na pessoa que a efetua. Em primeiro lugar, requer-se o desprendimento de si mesmo. É preciso ler-se a si próprio, de modo diferente daquele a que se está habituado. Em segundo lugar, exige-se uma disponibilidade para os efeitos produzidos pela palavra escutada. A fé requer uma verdadeira capacidade de corresponder à iniciativa de Deus que fala. Escutar tem de ser, no fundo, dar espaço em si para o agir de Deus. Não significa apenas acatar o que chega

¹³⁰ G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 68.

¹³¹ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, pp. 44-45.

¹³² Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525.

¹³³ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 22. Este autor apresenta alguns exemplos de teofanias bíblicas, tais como: Ez 1, 28; 3, 23-24; 43, 3; Dn 8,15.

¹³⁴ “Escutar e obedecer não são acções que decorrem do ato de acreditar. Pelo contrário, são elementos constitutivos do próprio acreditar” (J. LOURENÇO, “Itinerários bíblicos da Fé”, in AA. VV., *A Fé da Igreja*, ed. Paulus, Lisboa 2014, pp. 81-82).

ao ouvido, para depois o tomar em consideração. Implica expor-se àquilo que se vem a conhecer com o que é revelado. É preciso que aquilo que assim se recebe chegue a ganhar forma na própria pessoa”¹³⁵.

A tradição bíblica vetero-testamentária, mais uma vez, atesta a grande profundidade relativa ao uso da palavra “φωνή”. A “voz” de Deus é praticamente omnipresente: ora questiona a atitude do sujeito (1Rs 19, 13), tal como a Saulo; ora realiza prodígios nas suas criaturas (Jb 37, 4b) – aqui inicia a grande mudança de Saulo, no momento decisivo da sua vida – ora ainda, é uma “voz” criadora, transformadora, pois manifesta-se cheia da divindade donde provém (Sl 29 [28], 4). No caso de Saulo, aponta para o “novo nascimento”, a profunda transformação existencial¹³⁶.

2. Os mediadores

O segundo tema a destacar é o da mediação e seus intérpretes: os companheiros, Ananias e Barnabé. Cada um destes personagens exerce uma mediação específica em relação a Saulo. No seu conjunto, regista-se uma certa progressão na mediação exercida: uma mediação ocasional (dos seus companheiros na chegada até Damasco); uma mediação eclesial (Ananias apresenta-se como o representante da comunidade cristã de Damasco); e, por fim, uma mediação apostólica (Barnabé agrega Saulo ao grupo dos “apóstolos”). A referência a diferentes “mediadores” destaca-se no confronto com os outros textos da conversão de Saulo no Livro dos Actos dos Apóstolos (Act 22, 1-21 e Act 26, 1-23), uma vez que Act 9 é o único

¹³⁵ D. TERRA, “A fê como dom e resposta da liberdade”, in AA.Vv., *A Fé da Igreja*, ed. Paulus, Lisboa 2014, p. 139.

¹³⁶ Os textos vetero-testamentários são apresentados como exemplos das múltiplas maneiras que a “voz” de Deus que faz presente: 1Rs 19, 13 (“Disse-lhe, então, uma voz: ‘Que fazes aqui, Elias?’”), Jb 37, 4b (“Troveja com a sua voz majestosa e ninguém pode deter os seus raios, quando se faz ouvir a majestade da sua voz”), Sl 29 (28), 4 (“A voz do Senhor é poderosa, a voz do Senhor é cheia de majestade”).

que destaca o papel dos mediadores na “mudança” de Saulo. Por esse motivo, alguns autores chamam-lhe mesmo o “relato da mediação eclesial”¹³⁷.

2.1. Os companheiros de Saulo, uma mediação ocasional

Neste relato, a primeira manifestação de mediação pertence ao grupo dos “companheiros de Saulo”. São eles que o acompanham na sua actividade de perseguição aos cristãos. Estariam já com Saulo, quando ele foi a Jerusalém pedir ao Sumo-sacerdote as “cartas para Damasco” (vv. 1-2)? Não sabemos. A verdade é que não há qualquer referência directa aos “companheiros” antes do v. 7: “Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém”.

Deste versículo, podemos recolher duas importantes informações: estes “companheiros” faziam a viagem para Damasco com Saulo, por isso também faziam parte da perseguição liderada por Saulo, com a aprovação do sinédrio de Jerusalém; além disso, participam da experiência cristofânica de Saulo, ainda que de modo incompleto, pois ouvem a voz, mas nada vêem¹³⁸. Apesar de participarem, de certo modo, nesta experiência¹³⁹, o narrador deixa-os na penumbra para realçar a experiência espiritual de Saulo.

O versículo seguinte (“Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco” [v. 8b]), adianta mais uma referência à participação do grupo na experiência da Cristofania. Se as consequências directas são a queda por terra e a cegueira de Saulo, ele tem de ser ajudado pelos seus companheiros, que o levam pela mão até aquela cidade¹⁴⁰.

Uma vez chegados à cidade de Damasco, deram seguimento ao primeiro e directo mandato de Jesus: recolhem-se na “casa de Judas”, na rua chamada “Direita” (v. 11). Esta

¹³⁷ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, pp. 23-24. Segundo este autor, este relato pode ser referido, ainda, como “relato da cura de Saulo” ou, ainda, o relato da “inserção e experiência da comunidade”, destacando ainda mais o papel de cada um dos mediadores sobre Saulo.

¹³⁸ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525. É a fraqueza e a passividade de Saulo que leva a que conheçamos os seus companheiros, são eles os primeiros a ajudá-lo.

¹³⁹ Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 330.

¹⁴⁰ Cf. R. FABRIS, *op. cit.*, p. 188.

informação é dada indirectamente, uma vez que será nesse local que Ananias encontrará Saulo, cego, em jejum e em oração (vv. 11.17). E assim entra em cena um novo mediador: Ananias (vv. 10-19a).

2.2. Ananias, uma mediação eclesial

A segunda mediação é assumida por Ananias (vv. 10-19a)¹⁴¹ que começa por ser apresentado como um “discípulo (μαθητής) de Cristo”¹⁴² residente em Damasco (v. 10)¹⁴³. Este pormenor parece mostrar que Ananias confere a Saulo autoridade doutrinal, a fim de concretizar a missão de pregar o nome de Jesus, que lhe está confiada¹⁴⁴. O episódio chega mesmo a ser interpretado como uma investidura apostólica, uma vez que Jesus, além de se manifestar como o crucificado e ressuscitado, institui Saulo como sua testemunha autorizada¹⁴⁵.

Surgindo como um personagem novo no contexto do Livro dos Actos, Ananias necessita de ser apresentado pelo autor, pois é a primeira e única vez que aparece. A sua missão, ainda que muito importante, é, todavia, pontual. Uma vez concluída, Ananias desaparece da trama¹⁴⁶.

Apesar de mediador do mandato divino, Ananias também experimenta um chamamento: “O Senhor disse-lhe numa visão: ‘Ananias!’” (v. 10). Pela sua resposta, “Aqui estou, Senhor!” (v. 10), o diálogo assemelha-se a muitos relatos de vocação profética da tradição vetero-testamentária, como é o caso do chamamento de Abraão, em Gn 22, 1¹⁴⁷. Podemos, então, deduzir que o trabalho de mediador da vontade de Deus sobre alguém é, sem dúvida,

¹⁴¹ Segundo D. Marguerat, aqui se encontra uma das grandes surpresas deste relato: a importância dada a um personagem secundário e, até aqui, desconhecido. (Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 331).

¹⁴² Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 61.

¹⁴³ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 95.

¹⁴⁴ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 70.

¹⁴⁵ Cf. *Ibid.*

¹⁴⁶ Cf. Ch. L'EPLATTENIER, *op. cit.*, pp. 121-122.

¹⁴⁷ Para um estudo mais aprofundado deste e doutros exemplos leia-se G. LOHFINK, *op. cit.*, pp. 77-87.

uma vocação: Ananias é escolhido por Deus e inicia um processo, a fim de superar as suas incertezas e suspeitas em relação ao perseguidor, Saulo¹⁴⁸.

Esta programação divina dá-se por meio de uma “dupla visão”¹⁴⁹: a visão de Ananias (vv. 10-16) que inclui, no seu interior, a mais curta visão de Saulo (v. 12)¹⁵⁰. Com efeito, a “dupla visão” é o primeiro encontro entre ambos, uma ligação que leva à “superação das resistências ou do medo do cristão de Damasco”¹⁵¹. Por isso, quando se encontram na casa de Judas, já não são desconhecidos, mas “irmãos” (v. 17)¹⁵². Ananias tem uma missão que concretiza por iniciativa e mandato divino e o seu encontro com Saulo terá grandes consequências¹⁵³. Perante a objecção de Ananias, o Senhor insiste na grandeza e descreve a natureza da missão de Saulo, a fim de tranquilizar aquele e levá-lo a cumprir a sua mediação¹⁵⁴. Tendo em conta que este encontro se situa no centro do relato, assim se destaca particularmente a importância do discípulo Ananias na mudança de vida de Saulo¹⁵⁵.

Mais do que os pormenores do diálogo e a simbologia do chamamento profético¹⁵⁶, importa sublinhar as acções com que Ananias concretiza a sua missão mediadora, nomeadamente as duas acções sobre Saulo, a saber: a imposição das mãos (v. 17) e o Baptismo (v. 18)¹⁵⁷.

¹⁴⁸ Cf. C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p.110.

¹⁴⁹ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 526-527. A “dupla visão” é apresentada como a concentração máxima do tempo e do espaço. É um verdadeiro “encontro” baseado unicamente na Palavra, um “lugar” que escapa à autoridade de ambos. Na visão é antecipado o encontro de Act 9, 17.

¹⁵⁰ Para aprofundar o tema da “dupla visão” sugerimos a leitura de G. LOHFINK *op. cit.*, pp. 92-97. A “dupla visão” apresenta-se como uma estrutura complexa, e já mostra um grande trabalho editorial de Lucas. Ela corresponde, segundo este autor, a uma técnica encontrada na literatura antiga. As visões correspondem-se, referem-se, cooperam entre si, explicando-se mutuamente. Também D. Marguerat desenvolve o tema da “dupla visão” e as suas raízes quer no Antigo Testamento, quer na literatura greco-romana, e ainda em Flávio Josefo. Sobre isto, consultar D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, pp. 332-334.

¹⁵¹ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 189.

¹⁵² Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 526.

¹⁵³ Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 121.

¹⁵⁴ Cf. A. WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 162.

¹⁵⁵ Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 122. Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 64.

¹⁵⁶ Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 333. Este autor é quem melhor aprofunda o personagem Ananias, nas diferentes ópticas: a sua vocação profética, raízes literárias do seu diálogo com o Senhor e a mediação eclesial com Saulo. Para um maior aprofundamento, sugerimos a leitura de *Ibid.*, pp. 331-337.

¹⁵⁷ Dada a directa referência ao Baptismo, R. Fabris refere que este relato (Act 9, 1-31) pode ser lido como uma catequese vocacional ou baptismal no contexto das comunidades cristãs surgidas na missão paulina. Para aprofundar este aspecto sugerimos a leitura de R. FABRIS, *op. cit.*, p. 189.

O gesto da imposição das mãos tem um significado de cura¹⁵⁸, de duplo sentido: físico, pois cura-o da cegueira; e espiritual, enchendo-o do Espírito Santo¹⁵⁹. Tem, ainda, o significado da atribuição de legitimidade apostólica. O mesmo é dizer que, por este gesto, Saulo pertence, legitimamente, ao grupo dos anunciadores de Jesus Cristo¹⁶⁰.

O Baptismo tem a simbologia sacramental de pertença ao povo de Deus, tornando quem o recebe um verdadeiro cristão que começa uma nova vida espiritual e física¹⁶¹. Pelo Baptismo, está aberta a porta à universalidade da missão futura. A pregação de Jesus como “filho de Deus” surge como consequência directa do Baptismo¹⁶².

O sucesso da mediação de Ananias mede-se pelas consequências que as suas acções tiveram sobre Saulo, como podemos verificar nos vv. 18-20: “Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o baptismo. Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco. Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus”.

Curado da cegueira, Saulo é inserido na comunidade de Damasco, onde começa a anunciar o nome de Jesus. Com efeito, nas sinagogas daquela cidade, começa “a exercer a sua função como ‘instrumento escolhido’ para levar o nome de Jesus aos ‘filhos de Israel’ (9, 15)”¹⁶³. Esta é a primeira manifestação da “vocação missionária de Saulo”¹⁶⁴ e poderá ser lida como uma premonição do que vai ser a actividade evangelizadora de Paulo daí em diante.

¹⁵⁸ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 68. Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p.122. Este autor refere que o gesto de imposição das mãos é um gesto de bênção e de cura.

¹⁵⁹ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 527.

¹⁶⁰ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 62. Este autor refere esta nova missão de Saulo como um “novo contrato”. Pela imposição das mãos, Saulo recebe o dom do Espírito Santo, que lhe dá a capacidade de acção.

¹⁶¹ Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 122.

¹⁶² Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 98.

¹⁶³ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 36.

¹⁶⁴ D. MARGUERAT, “L’image de Paul dans les Actes des Apôtres”, in AA.Vv., *Les Actes des Apôtres: histoire, récit, théologie [XX^{ème} congrès d’association catholique française pour l’étude de la Bible – Augeres 2003]*, ed. Cerf, Paris 2005, p. 137.

Do conteúdo desta pregação (v. 20), destacamos o título cristológico utilizado “Filho de Deus” (ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ), dado que é a primeira vez que aparece no Livro dos Actos e destaca a relação íntima entre Jesus e o Deus do Antigo Testamento¹⁶⁵.

Por tudo isto, podemos considerar que Ananias realiza a sua mediação como representante da comunidade cristã. A sua acção mediadora corresponde a uma verdadeira mediação eclesial, porque foi o representante de uma comunidade onde Saulo foi curado, baptizado e acolhido, acções marcantes para o início da sua missão enquanto evangelizador escolhido por Deus¹⁶⁶. A sua presença e acção mostram a importância da mediação no processo de reconstrução de identidade de Saulo.

2.3. Barnabé, uma mediação apostólica

A terceira mediação digna de nota é assumida pelo discípulo Barnabé¹⁶⁷, já conhecido do leitor do Livro dos Actos, pois havia surgido em 4, 36 onde é apresentado como o “filho da consolação”. Nesse momento, é ele quem dá consolação aos cristãos de Jerusalém, actuando como mediador entre eles e Saulo¹⁶⁸: “A consolação e o alento vêm do Espírito Santo, que faz de Barnabé o mediador entre eles”¹⁶⁹.

Saulo quer entrar na comunidade cristã de Jerusalém, quer conhecer os apóstolos¹⁷⁰. É Barnabé quem acolhe Saulo como amigo e, num gesto corajoso, dá à comunidade as garantias sobre o seu testemunho, na cidade de Damasco¹⁷¹. Este é um papel muito importante, já que na condição de mediador actua junto dos apóstolos (o grupo dos doze) e atesta a veracidade

¹⁶⁵ Segundo J. Fitzmyer, a utilização deste título não tem, ainda, a conotação de filiação física ou metafísica que seria dada nos Credo niceno-constantinopolitano. Sobre isto, sugerimos a leitura de J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 36.

¹⁶⁶ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p.528. Para Saulo, o projecto missionário necessita de uma dimensão humana, pessoal e comunitária. “Es la manera de introducir a Saulo en el útero que lo hará renacer, la comunidad” (C. L. SUÁREZ CODORNÍU, *art. cit.*, p. 109).

¹⁶⁷ Cf. D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 342.

¹⁶⁸ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 40.

¹⁶⁹ Cf. *Ibid.*

¹⁷⁰ Cf. *Ibid.*, p. 39.

¹⁷¹ Cf. R. FABRIS, *op. cit.*, p. 194.

da “mudança” de Saulo perante a desconfiança deste grupo que desconhece o que aconteceu a caminho de Damasco¹⁷².

Para demonstrar esta veracidade, é utilizado um método já conhecido na obra lucana, que inclusivamente nos remete para o episódio de Emaús (cf. Lc 24, 35): “conta-lhes como no caminho” (Act 9, 27)¹⁷³. Ao contar o que aconteceu, apresenta-se como uma testemunha histórica e apostólica do que aconteceu no caminho de Damasco¹⁷⁴. Barnabé contou-lhes que Saulo “vira o Senhor”. Pois, “‘ver o Senhor’ é a fórmula usual de legitimação apostólica para a primeira geração cristã”¹⁷⁵. Este testemunho de Barnabé leva a que Saulo seja acolhido na comunidade de Jerusalém, com o grupo dos doze apóstolos, não como perseguidor, mas como discípulo¹⁷⁶.

Depois de acolhido na comunidade de Jerusalém, Saulo “participa com os outros apóstolos da primeira fase de expansão cristã”¹⁷⁷. Neste aspecto, Lucas, como autor, tem uma intenção teológica: “Paulo e a sua actividade missionária constituem um novo elo, aquele que une a Igreja de Lucas – a Igreja dos pagãos convertidos – com a Igreja primitiva e originária de Jerusalém, a Igreja dos judeo-cristãos”¹⁷⁸. Portanto, tal como refere R. Fabris: “o encontro com os ‘apóstolos’ que ali ainda residem serve para dar legitimidade e autoridade à sua futura missão”¹⁷⁹.

Deste modo, mais uma vez, por uma acção individual sobre Saulo, Barnabé testemunha junto dos apóstolos a favor de Saulo, o que gera uma consequência eclesial: Saulo é inserido na comunidade de Jerusalém e nesta ganha a legitimação apostólica tão importante para a sua

¹⁷² Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 64.

¹⁷³ Cf. Ch. L’EPLATTENIER, *op. cit.*, p. 124.

¹⁷⁴ Alguns autores sustêm a ideia que pode existir uma mudança de sujeito e que o verdadeiro sujeito é Saulo. A ser assim, quando Barnabé levou Saulo até aos apóstolos, foi Saulo que explicou o que aconteceu no caminho de Damasco. Esta situação resolveria a dúvida sobre como Barnabé conheceria a experiência de Saulo no caminho de Damasco. Sobre isto consultar J. FITZMYER, *op. cit.*, pp. 41-42.

¹⁷⁵ D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 343.

¹⁷⁶ Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 65.

¹⁷⁷ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 183.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 186.

¹⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 194. J. Murphy O’Connor, por sua vez, refere este aspecto como uma preocupação teológica de Lucas enquanto autor do Livro dos Actos: ligar Saulo à comunidade de Jerusalém confere-lhe maior legitimidade. (Cf. J. MURPHY O’CONNOR, *op. cit.*, p. 68).

futura actividade como evangelizador¹⁸⁰, o que acontece por acção do próprio Deus, na história humana, como refere D. Marguerat: “Deus tece a sua história de salvação, segundo Lucas, servindo-se destas mediações humanas (Barnabé) e destas reuniões (os doze com o futuro Paulo) para assegurar a continuidade do seu projecto”¹⁸¹, que se pauta pela continuidade da Igreja ao longo do tempo. Lucas parece querer sublinhar a legitimação de Saulo junto dos doze apóstolos¹⁸², o que leva a uma transição harmoniosa de Jesus e os apóstolos para os apóstolos e Saulo¹⁸³.

3. Uma experiência de morte e de ressurreição

Depois da leitura atenta deste episódio da vida de Saulo sob dois olhares distintos – o seu encontro com Jesus Ressuscitado e a acção dos diferentes mediadores para a sua transformação – importa, agora, fazer uma leitura de conjunto sob a perspectiva da “experiência pascal”.

A experiência de Saulo remete para a experiência pascal de Jesus. Com a plenitude do mistério pascal, Jesus surge como o total cumprimento das Escrituras. Por isso, a experiência de Saulo em muito pode ser equiparada às várias provas passadas pelo povo israelita. O próprio caminho de Saulo surge como uma consequência do seu judaísmo: ao cumprir fielmente de acordo com as suas raízes, ele continua a tradição do seu povo. De igual forma, ao fazer a experiência de Jesus Cristo, é n’Ele que radica toda a sua vida, que abre à Igreja, ao futuro e à continuidade da história da salvação. Desta forma, a experiência de Saulo tem

¹⁸⁰ Para ler outros aspectos sobre a figura de Barnabé remetemos para O. FLICHY, *op. cit.*, pp. 90-91.

¹⁸¹ D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 343.

¹⁸² Cf. D. MARGUERAT, “L’image de Paul dans les Actes des Apôtres”, p. 122.

¹⁸³ Cf. *Ibid.*, p. 125.

raízes profundas na tradição vetero-testamentária, mas, pela experiência profunda do encontro com Jesus ressuscitado, é uma verdadeira experiência pascal.

Assumindo este ponto de partida, destacamos as diferentes acções, sinais e personagens de todo o processo transformador de Saulo, que, de alguma maneira, simbolizam uma verdadeira experiência de morte e consequentemente de ressurreição. Assim a sintetiza Bento XVI:

“(…) não simplesmente uma conversão, uma maturação do seu ‘eu’, mas foi morte e ressurreição para ele mesmo: morreu uma sua existência e outra nova nasceu com Cristo Ressuscitado. De nenhum outro modo se pode explicar esta renovação de Paulo. Todas as análises psicológicas não podem esclarecer e resolver o problema. Só o acontecimento, o encontro forte com Cristo, é a chave para compreender o que tinha acontecido: morte e ressurreição, renovação por parte d’Aquele que se tinha mostrado e tinha falado com ele”¹⁸⁴.

Envolvido pela luz, Saulo cai por terra, escuta uma voz e dialoga com o Senhor (cf. vv. 3-6). Estar caído é a posição do corpo sem vida, morto, em contraposição com o “estar de pé”, sinal de vida e ressurreição. A queda de Saulo está relacionada com a “queda primitiva” (Gn 2, 4b – 3, 24)¹⁸⁵, que é tradicionalmente descrita como sinal de morte, “pois o homem não fora criado por Deus para ser mortal”¹⁸⁶.

Podemos ainda ler este “caído sobre a terra” como uma prostração perante uma teofania, ou seja, uma manifestação extraordinária de Deus à humanidade. Em muitas referências vetero-testamentárias, o “prostrar-se” tem o significado de “adoração” e reconhecimento da divindade de Deus (Js 7, 6; Sl 66 [65], 4; Is 66, 23)¹⁸⁷.

¹⁸⁴ BENEDICTUS PP. XVI, “*Audiência geral*”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

¹⁸⁵ Segundo esta referência, a “queda” está associada o pecado pela desobediência humana perante Deus. Ao pecado dá-se um significado de morte. Sobre o significado de “queda” neste contexto de Gn 2-3 sugerimos a leitura de J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 758-759.

¹⁸⁶ J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 633.

¹⁸⁷ Apresentamos estas referências bíblicas como exemplos: Js 7, 6 (“Josué rasgou as vestes e prostrou-se com a face por terra até à tarde, diante da Arca do Senhor, ele e todos os anciãos de Israel, e cobriram de pó a cabeça”),

A origem divina da “luz” que se mostra e o diálogo entre Saulo e o Ressuscitado lembram, em muitos aspectos, a vocação e missão de Moisés (Ex 3, 1-4, 17), a quem é atribuída a missão de conduzir o povo de Israel para fora do Egito. A concretização da missão de Moisés (o êxodo do povo israelita) é um dos fundamentos da Páscoa judaica¹⁸⁸. Também Saulo fará a sua “peregrinação interior” até concretizar a missão que lhe foi atribuída. Perante isto, a sua “mudança” assemelha-se a uma “passagem” (*Páscoa*) do modo como age (de perseguidor a perseguido) e do modo como acredita (de inimigo a discípulo). Assim, tal como o povo israelita fez a sua travessia (*Páscoa*), Saulo, na estrada com os seus companheiros, faz a sua “passagem” em comunidade, com a ajuda dos mediadores.

Na verdade, Saulo levanta-se da terra, é conduzido pela mão até Damasco (v. 8), experimentando novamente uma profunda passividade: já não é senhor de si, não pode levar a sua actividade avante, tem de ser ajudado para a concretizar¹⁸⁹.

A forma “ergueu-se” (ἤγέρθη) (v. 8), encontrando-se no aoristo passivo, sugere uma grande passividade do sujeito, reforçando a ideia que Saulo teve de ser ajudado pelos seus companheiros. Como muitas outras vezes aconteceu, associa-se a expressões como o “estar de pé”, “estar levantado”, um significado de ressurreição, de vida nova, porque “a ressurreição não é um retorno às condições da vida presente, mas uma vida do espírito, a vida já possuída por Jesus ressuscitado e comunicada dele para aqueles que crêem nele”¹⁹⁰.

Depois de ter escutado a voz, abre os seus olhos e nada vê, está cego (v. 8a). Saulo vive em obscuridade total, Jesus deixa-o na incerteza de quanto vai acontecer¹⁹¹. A cegueira é muitas vezes referida como “metáfora que expressa falta de visão espiritual”¹⁹². Na verdade, Saulo, além de cego fisicamente, experiencia uma cegueira espiritual com o desconhecimento

Sl 66 (65), 4 (“Toda a terra te adora e canta louvores; entoa hinos ao teu nome”), Is 66, 23 (“Desta maneira, em cada festa da Lua-nova e em cada sábado, todo o mortal virá prostrar-se diante de mim – diz o Senhor”).

¹⁸⁸ Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 696.

¹⁸⁹ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 525. Os companheiros de Saulo surgem tardiamente na história, o que reforça a ideia de “morte” de Saulo.

¹⁹⁰ J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 793.

¹⁹¹ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 17.

¹⁹² J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 158.

da verdade d'Aquele que lhe apareceu no caminho, uma situação revertida pelo gesto de imposição das mãos (v. 17), que também implica um duplo sentido: cura Saulo da sua cegueira e confere-lhe o dom do Espírito Santo¹⁹³. Na realidade, ao recuperar a vista, caem-lhe como que escamas dos olhos (v. 18), imagem que lembra a cegueira e cura de Tobite (Tb 2, 1-14; 11, 1-15). Como refere J. Fitzmyer, “a cegueira vem de Deus, mas Deus a curará. Embora cego fisicamente, os olhos de Saulo abrem-se espiritualmente”¹⁹⁴.

Chegado a Damasco, lá permanece três dias, sem comer nem beber (vv. 8b-9). Os “três dias” em que Saulo permanece cego e em jejum lembram os três dias de Jesus morto no sepulcro. A tradição bíblica depressa compara os dias em que Jesus esteve morto no sepulcro com os três dias que o profeta Jonas permaneceu dentro da barriga do grande peixe (Jn 2,1)¹⁹⁵. O próprio Jesus dá a entender que ressuscitará três dias depois da sua morte: Mt 26, 61; Mc 8, 31. “Estes três dias de prostração sem comida nem bebida marcam a transição de um tipo de morte, Saulo associa-se ao mistério da morte de Cristo antes de ressuscitar com Ele”¹⁹⁶.

Os três dias estão preenchidos pelo jejum de Saulo. Tomemos da Sagrada Escritura alguns exemplos dos vários significados que o jejum possui, a saber: sinal de pesar (2Sm 1, 12); sinal de arrependimento (Ne 9, 1); acompanhava a oração em momentos de crise (Sl 35 [34], 13); um meio de preparação para uma revelação divina (Ex 34, 28); o jejum de Jesus no deserto no início do seu ministério público (Mt 4, 1-2. Lc 4, 1-2)¹⁹⁷. A simbologia dos “três dias” de jejum e cegueira é assim descrita por R. Fabris: “Em Damasco, Paulo fica três dias sem ver, sem comer e sem nada beber. É uma experiência de morte, de ruptura radical com o passado”¹⁹⁸.

¹⁹³ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 29.

¹⁹⁴ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 24.

¹⁹⁵ Encontramos estas comparações em Mt 12, 40; 16, 1-3; Lc 11, 29-32.

¹⁹⁶ Ch. L'EPLATTENIER, *op. cit.*, pp. 120-121.

¹⁹⁷ Cf. J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 466.

¹⁹⁸ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 188.

Na situação de Saulo, o jejum está acompanhado de oração (v. 11b). A oração – comunicação com Deus – indica a sua certeza de que virá alguém ajudá-lo¹⁹⁹. O jejum e a cegueira de Saulo podem, ainda, ter um significado de caminho catecumenal até ao Baptismo que receberá das mãos de Ananias (v. 18)²⁰⁰. Com isto, verificamos que a prática do jejum pré-baptismal, apresentada por Lucas, coincide com a prática que é apresentada nos primeiros escritos cristãos não canónicos, como a *Didaché*²⁰¹ e a *Apologia I* de Justino²⁰².

Depois de baptizado, Saulo alimenta-se e sai robustecido para a nova missão que lhe foi confiada. (vv. 18-19). O seu baptismo é acção própria, interpretada como “não apenas o início de uma nova vida em Cristo, mas também a morte do velho homem, da velha vida de pecado”²⁰³. É uma experiência mediante a qual o cristão renasce e purifica-se na vinculação à Igreja²⁰⁴. Esta experiência baptismal marca, em Saulo, o início de uma verdadeira revisão de vida e de reconstrução não só da sua identidade, mas também da fé que recebeu dos seus pais.

Saulo toma alimentos e sai fortalecido (v. 19). Esta referência apresenta-se como uma rica simbólica eucarística. De facto, a Eucaristia encerra em si a totalidade do mistério pascal de Jesus: paixão, morte e ressurreição, mistérios que Saulo também experimenta neste “momento decisivo” da sua vida²⁰⁵. Podemos observar que a referência à Eucaristia só acontece depois do Baptismo (v. 18-19), uma prática testemunhada na *Doutrina dos Apóstolos*, onde se refere que só os baptizados podiam ser admitidos à Eucaristia²⁰⁶.

¹⁹⁹ Cf. J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 26.

²⁰⁰ “A iluminação da fé coincidirá, para Paulo, com o seu caminho catecumenal, que se conclui com o batismo e o dom do Espírito” (R. FABRIS, *op. cit.*, p. 188).

²⁰¹ “Mas antes do Baptismo, não só aquele que baptiza como o que vai ser baptizado jejuem, e, se puderem, mais alguns. Ao que vai ser baptizado, ordenarás que jejue um ou dois dias antes” (DIDACHÉ – DOCTRINA DOS APÓSTOLOS, VII, 4).

²⁰² “Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos em primeiro lugar para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles” (JUSTINO, *Apologia I*, 61, 2).

²⁰³ J. L. MCKENZIE, *op. cit.*, p. 112.

²⁰⁴ Cf. *Ibid.*

²⁰⁵ Sobre alguns dos significados e simbologias da Eucaristia, sugerimos a leitura de J. L. MCKENZIE, *Dicionário Bíblico*, *op. cit.*, pp. 314-317.

²⁰⁶ “Mas ninguém coma ou beba da vossa Eucaristia, a não ser os Baptizados em nome do Senhor” (DIDACHÉ – DOCTRINA DOS APÓSTOLOS, IX, 5).

Assim, “a experiência cristã para Paulo será como um renascimento, uma verdadeira ressurreição espiritual”²⁰⁷. Na verdade, Saulo “é transformado pelo próprio Cristo ressuscitado”²⁰⁸ que nele opera uma verdadeira “reconstrução: entre a destruição do seu projecto de perseguição e uma reconstrução da sua identidade”²⁰⁹. Perante isto, observamos que a ressurreição de Jesus tem um efeito libertador e transformador que não pactua com a perseguição de Saulo aos discípulos. A experiência pascal levará Saulo a uma vida nova com uma missão concreta, tal como refere D. Marguerat: “no limiar da sua vocação, Paulo experimenta aquilo que não cessará de pregar: o poder do Ressuscitado transformador da história”²¹⁰.

O mesmo é dito, embora de modo diferente, por A. Caeiro:

“Cristo na Cruz e Cristo renascido. Cristo morre e Cristo ressuscita. Saulo morre na estrada para Damasco. Nasce Paulo com Jesus. No renascer radica a vibração da morte. A morte constitui a possibilidade radical para vivermos. Sermos no encaminhamento da morte e compreender o que é existir nesse encaminhamento é o que diz a teologia da Cruz. A glória consiste em fazer esse caminho”²¹¹.

A experiência pascal de Saulo não é um evento meramente pessoal. Na verdade, pela dimensão comunitária do episódio, esta experiência é proposta a todos, porquanto é uma experiência que abre a esperança na promessa da ressurreição inaugurada por Jesus Cristo²¹².

²⁰⁷ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 188.

²⁰⁸ J. FITZMYER, *op. cit.*, p. 15.

²⁰⁹ S. REYMOND, *art. cit.*, p. 526.

²¹⁰ D. MARGUERAT, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, p. 345.

²¹¹ A. CAEIRO, *São Paulo: apocalipse e conversão*, ed. Alêtheia, Lisboa 2014, p. 60.

²¹² Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 537.

4. Um chamamento a uma mudança radical

Neste último ponto, pretendemos lançar um breve olhar sobre as várias denominações que os autores, na exegese e na teologia, atribuem ao texto em estudo. Em primeiro lugar, questionamo-nos sobre qual a mais ajustada definição da “mudança” que Saulo de Tarso sofreu neste momento decisivo da sua vida. Será correcto chamar-lhe “conversão” ou é mais pertinente a designação de “vocação”? Começamos por sintetizar a posição de alguns autores acerca de cada uma das questões levantadas. Concluimos a secção com uma proposta pessoal de resposta, que lançará várias perspectivas, a fim de reconhecermos a intemporalidade do relato.

4.1. “Conversão” ou “Vocação”?

Partimos da questão levantada por P. Walaskay: o que aconteceu a Saulo foi uma conversão ou um chamamento? Tradicionalmente, o episódio é intitulado “a conversão de Saulo de Tarso”, no entanto existem outras perspectivas que designam esta experiência de Saulo como o seu “chamamento a pregar o Evangelho”²¹³.

Aqueles que utilizam a primeira designação – conversão – destacam o ponto de vista da mudança radical ocorrida nos vários níveis da sua vida²¹⁴. Sob este olhar, podemos destacar o que diz Bento XVI, quando afirma que “podemos e devemos falar de conversão”, porque estamos perante uma “renovação real que mudou todos os seus parâmetros”. Paulo nunca vê este momento da sua vida como uma “conversão”, porque não estamos apenas perante uma mudança “fruto de um processo psicológico, de uma maturação ou evolução intelectual e

²¹³ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 98. Também O. FLICHY levanta a questão sobre qual a melhor designação a atribuir a este texto. (Cf. O. FLICHY, *op. cit.*, p. 68).

²¹⁴ Definição de “conversão”: “Termo que, na linguagem bíblica, exprime a ideia de mudança radical de sentido” (A. COLZANI, “Conversão”, in AA.VV., *Christos – Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, p. 218).

moral”²¹⁵. No encontro com Jesus, torna-se uma experiência de morte para ele mesmo e de ressurreição com Cristo. Assim, podemos destacar a mudança de Saulo como uma “renovação por parte d’Aquele que se tinha mostrado e falado com ele”²¹⁶.

Também M. Aguirre descreve o episódio em apreço como uma “experiência de ruptura”, onde o projecto de Deus se sobrepõe à vida de Saulo. Esta mudança, segundo a autora, é uma verdadeira “conversão a Cristo” que representa uma mudança profunda na vida de Saulo²¹⁷.

Para E. Frades, neste episódio não podemos entender a “conversão” como uma mudança de uma religião para outra, nem sequer como uma mudança baseada numa crise de consciência intelectual ou moral²¹⁸. Efectivamente, esta mudança só pode ser compreendida depois da “manifestação do Filho de Deus” que transforma Saulo “de perseguidor a perseguido por Cristo”²¹⁹. Assim, estamos perante uma “conversão real”, e não apenas perante a atribuição de uma missão profética. Em suma, este autor considera a “conversão” de Saulo uma verdadeira “compreensão de Cristo vivo por meio dos seus seguidores”²²⁰.

Na opinião de J. Gnilka, este não é um relato de vocação, “é a história de uma conversão”²²¹. Este autor refere, ainda, que “a história da conversão pintada em Act 9 foi esquematizada seguindo um modelo que podemos encontrar também nas histórias judaicas de conversão”²²².

Por outro lado, quem foca a sua atenção na segunda designação – chamamento – quer destacar a iniciativa de Deus que elege e chama Saulo a uma missão concreta²²³. Nesta perspectiva, podemos sublinhar o que diz G. Barbaglio que enfatiza a iniciativa gratuita de

²¹⁵ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

²¹⁶ *Ibid.*

²¹⁷ Cf. M. A. AGUIRRE, *art. cit.*, pp. 53-54.

²¹⁸ Cf. E. FRADES GASPAR, *art. cit.*, p. 61.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 61.

²²⁰ *Ibid.*, p. 62.

²²¹ J. GNILKA, *op. cit.*, p. 43.

²²² *Ibid.*, p. 44.

²²³ Definição de “vocação”: “A chamada de Deus dirigida aos homens em vista a uma missão ou de um serviço a realizar” (C. BROVETTO, “Vocação”, in AA.VV., *Christos – enciclopédia do cristianismo, op. cit.*, p. 874).

Deus que actua sobre Saulo. Segundo este autor, o episódio, mais do que uma visão, é uma epifania divina e uma investidura apostólica. É a iniciativa do ressuscitado que inaugura a nova realidade de Saulo como testemunha iluminada por Deus e comprometido pessoalmente a partir deste acontecimento²²⁴.

J. Alonso salienta que o ponto fundamental da “mudança” de Saulo é a denominada “Cristofania”, um termo que remete para o encontro com Cristo enquanto manifestação do plano divino sobre Saulo²²⁵. Assim, segundo este autor, inferimos que é Jesus quem se manifesta e proporciona um encontro que transforma a totalidade da vida de Saulo. Sob este olhar, estamos perante uma “eleição divina para uma missão que abarcará totalmente a vida do novo apóstolo”²²⁶.

J. Alonso reflecte, ainda, sobre o vocabulário bíblico usado no tema da “conversão”. Como refere, os termos “ἐπιστρέφω” e “μετάνοια” são os mais utilizados na Bíblia grega para falar deste assunto. Ao primeiro – ἐπιστρέφω – é atribuído o significado de mudança de conduta externa ou prática. Ao segundo – μετάνοια – é dado um significado de arrependimento ou mudança interior²²⁷. Não obstante a riqueza dos sentidos destes verbos, nenhum deles aparece no texto de Act 9, 1-31.

Por seu lado, P. Walaskay, ao incidir a sua reflexão directamente para o v. 15 “instrumento da minha escolha”, vai de encontro à designação “chamamento”. É Deus quem age e confere-lhe uma missão que o compromete com o futuro²²⁸. Este versículo destaca o papel passivo de Saulo na acção até à intervenção do mediador Ananias (que é quem recebe esta informação do Senhor)²²⁹.

²²⁴ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 70.

²²⁵ Cf. J. ALONSO, “Conversión y hombre nuevo. Teología de la conversión en san Pablo”, in *Scripta Theologica*, XLI/1 (2009), p. 56.

²²⁶ J. ALONSO, *art. cit.*, p. 56.

²²⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 50-51.

²²⁸ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, p. 97.

²²⁹ Cf. G. LOHFINK, *op. cit.*, p. 19.

Ao destacar o papel revelador de Jesus neste episódio, A. Couto opta mesmo por evitar a designação “conversão”²³⁰. A “luz que vem de fora” é iniciativa de Deus que precede a nossa procura. Estamos perante uma “revelação” porque “a acção é toda de Jesus – é Ele quem agarra Paulo com força, não o contrário”²³¹.

Também C. M. Martini, ao destacar a importância da “luz”, apresenta a revelação a Saulo como uma verdadeira “iluminação” cuja fonte é Cristo²³². De facto, a manifestação da “luz” em Act 9 encontra fortes relações com as representações de Cristo Ressuscitado²³³. Perante estes depoimentos, podemos ver o momento do Baptismo (v. 19a) como uma verdadeira “iluminação”, uma leitura muito presente nos primeiros séculos da era cristã²³⁴.

Por fim, R. Fabris destaca igualmente a iniciativa divina, “a única causa de mudança é a acção de Deus”²³⁵.

4.2. Uma adesão a Jesus Cristo

Será possível adoptar algum destes olhares, excluindo as outras perspectivas? Cada uma das designações é proposta no sentido de sublinhar determinado aspecto mais relevante. Regra geral, os autores que sublinham como mais importante a radicalidade da mudança de Saulo optam pela designação “conversão”. Por sua vez, os que utilizam a designação “vocação” destacam como mais importante a iniciativa de Deus, a sua revelação²³⁶.

Assim, podemos dizer que as diferentes designações apenas pretendem sublinhar perspectivas diferentes. Por conseguinte, parece-nos claro que não podemos assumir uma das designações sem esquecer a outra. Aliás, como refere J. Murphy O’Connor, “a conversão e o

²³⁰ Cf. A. COUTO, *op. cit.*, pp. 210-211.

²³¹ *Ibid.*, p. 222.

²³² Cf. C. M. MARTINI, *op. cit.*, p. 11.

²³³ “Existe una asociación con la manifestación lumínica pintada en Act 9, aunque referida de modo expreso a la figura lumínica del Cristo elevado” (J. GNILKA, *op. cit.*, p. 49).

²³⁴ Vejamos, por exemplo, o que é dito por Justino de Roma: “Esse banho chama-se iluminação, para dar a entender que são iluminados os que aprendem estas coisas” (JUSTINO, *Apologia I*, 61, 2). Cf. Heb 6, 4, 10, 32.

²³⁵ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 189.

²³⁶ Cf. S. REYMOND, *art. cit.*, p. 534.

chamamento ao ministério são inseparáveis”²³⁷, até porque o elemento mais necessário à sua conversão é o reconhecimento de Jesus Cristo ressuscitado que o transformou completamente²³⁸.

Ao episódio que tradicionalmente chamamos “conversão de São Paulo”, apesar da mudança radical que desencadeou, não deve ser dada uma conotação demasiado moralista, porque Saulo não foi um pecador que se arrependeu dos seus pecados, não foi um descrente que aderiu à religião. Usar o termo “conversão” remete a situação para uma “conversão a Cristo, descoberto com os olhos da fé como pedra angular do destino humano”²³⁹.

Mas também devem ser abordadas com precaução as conotações psicológicas e afectivas desta “mudança”, pois não são a principal preocupação do texto bíblico em questão, nem fazem parte dos objectivos deste trabalho. Desta forma, notemos com A. Caeiro que “a alteração que se dá em Paulo não é de natureza psicológica. A psicologia é a mesma. O alheamento de Saulo e a apropriação de Paulo é ontológica. A conversão de Paulo não resulta de nenhum impacto afectivo. Não ocorre nenhuma crise emocional. Paulo é uma crise contínua desde que se conhece”²⁴⁰.

Sendo o “sentido da fé” a principal mudança desencadeada em Saulo, esclarecemos em seguida em que sentido a fé de Saulo “mudou”:

“É Deus quem provoca a fissura. Deus metamorfoseia o seu sentido da fé. Se há uma crise religiosa não é uma crise que faz passar alguém de ateu, céptico ou agnóstico ou alguém que está distraído da fé ou perdido para a fé, para alguém que passa a ter fé. Não. Não se trata aqui da passagem de uma situação sem fé para outra com fé. Não há momento nenhum na vida de Saulo com dúvidas de fé. Não há momento algum na vida de Saulo sem o Deus de Abraão: nenhum!”²⁴¹.

²³⁷ J. MURPHY O’CONNOR, *op. cit.*, p. 85.

²³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 92.

²³⁹ G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 74.

²⁴⁰ A. CAEIRO, *op. cit.*, p. 19.

²⁴¹ *Ibid.*, pp. 19-20.

Saulo não deixa de ser quem é, ainda que tenha revisto, de facto, toda a sua vida e a sua fé. Podemos dizer que a dita “conversão” começou a caminho de Damasco, mas continuou ao longo da sua vida. É uma conversão completamente centrada em Cristo, tendo Saulo sido escolhido pelo próprio Jesus Ressuscitado para levar o Seu nome junto de toda a humanidade²⁴²: “vai ser enviado para abrir os olhos e fazer as pessoas passarem da escuridão para a luz”²⁴³. Conciliando ambas as designações – “conversão” e “vocação” – podemos dizer que este relato mostra uma mudança radical em Saulo iniciada por Deus, ou seja, uma autêntica “vocação à conversão”.

É nas palavras de Teixeira de Pascoes que encontramos um bonito resumo desta experiência mística da luz:

“Saulo ouve a luz, que principia a desvendar-lhe o seu íntimo panorama renovado. Sente que faleceu e ressurgiu. (...) Mas a pessoa dominadora é a de Jesus. É duma evidência absoluta para Paulo, ainda quase cego, como as crianças acabadas de nascer. E será quase cego, toda a vida. Sofrerá, toda a vida, daquele lume do céu que lhe queimou os olhos. Para ele, a claridade será fogo, o amor paixão e a razão loucura”²⁴⁴.

A este “homem que a Luz prostrou no leito da estrada, vencido mas exacerbado pela própria derrota, na esperança mais profunda do seu coração, (...) Cristo, que o venceu, vai mostrá-lo em todas as estradas do mundo”²⁴⁵.

²⁴² Cf. A. CAEIRO, *op. cit.*, pp. 22-23.

²⁴³ *Ibid.*, p. 27.

²⁴⁴ TEIXEIRA DE PASCOES, *São Paulo*, ed. Assírio & Alvim, Lisboa 2002, pp. 66-67.

²⁴⁵ D. ROPS, *São Paulo, conquistador de Cristo*, ed. Livraria Tavares Martins, Porto 1960, pp. 59-60.

CONCLUSÃO

Chegados à meta do nosso percurso, iluminados por tudo o que experienciámos neste caminho, concluímos com alguns tópicos que podem valorizar a nossa reflexão. Em primeiro lugar, faremos uma síntese do trabalho realizado. Num segundo momento, olharemos a riqueza do relato. No terceiro, faremos uma breve comparação entre o que diz Paulo, nas suas cartas, e o que é dito pelos Actos. Por último, adiantamos algumas propostas que, em nosso entender, Act 9, 1-31 sugere à Igreja de hoje.

1. Um caminho iluminado

De modo a compreender melhor o mundo em que se encontra Saulo, começamos, no primeiro capítulo, por apresentar um conjunto de contextualizações históricas, geográficas, sócio-culturais e religiosas.

Uma vez conhecido o ambiente em que está inserido, no segundo capítulo, começamos por encontrar o texto em estudo – Act 9, 1-31 – a partir do texto grego e sua tradução, para que fosse visto tal como é, sem interpretações, sem preconceitos. De seguida, procurámos a estrutura do texto em causa, assim como a sua delimitação textual. De modo a aprofundar esta análise, debruçámo-nos sobre alguns dos elementos narrativos mais significativos: os tempos, os espaços e as personagens. O capítulo terminou com uma sinopse dos três relatos da dita conversão de Saulo presentes no Livro dos Actos dos Apóstolos.

No terceiro capítulo, fizemos um aprofundamento teológico do texto, optando por apresentar alguns dos temas mais importantes e confrontando-os com algumas das opiniões mais significativas da exegese. Dos muitos pontos de vista que poderiam ter sido explorados, optámos por abordar o texto, em primeiro lugar, como um “encontro com Jesus Ressuscitado”, para depois reflectirmos sobre os diferentes “mediadores” que surgem ao

longo do texto. Encarámos, em terceiro lugar, o texto como uma “experiência pascal” do próprio Saulo. Terminámos o capítulo com um breve confronto sobre a mais correcta designação a atribuir a este relato. Porque a resposta não pode ser absoluta, propusemos, no último ponto, uma tentativa de síntese desta questão.

2. Imagens de sempre: riqueza e discernimento

Uma das grandes riquezas de Act 9, 1-31 reside na sua originalidade. De facto, ele traz novos elementos, nomeadamente no que diz respeito aos textos das cartas paulinas, onde Paulo reflecte retrospectivamente sobre a sua experiência de adesão a Cristo. Por sua vez, Lucas apresenta elementos exclusivos em relação aos restantes textos dos Actos dos Apóstolos que referem este episódio da vida de Paulo (Act 22, 1-21; 26, 1-23). Não obstante esta originalidade, o texto apresenta uniformidade com o seu conjunto, quer na trama do Livro dos Actos, quer no conjunto dos três textos sobre o mesmo assunto.

Outra das riquezas é partilhada por qualquer texto da Sagrada Escritura que, como Palavra de Deus, é verdadeiramente intemporal, e mostra-se de especial forma na intenção de mostrar ao leitor uma proposta autêntica e credível, porque verdadeira.

Mas a riqueza de um texto bíblico não se mede apenas pela originalidade e intemporalidade da sua proposta, já que ele mostra, além disso, diferentes imagens que devem ser discernidas à luz do tempo presente.

De todas elas, deve destacar-se a imagem de *Jesus*. Este relato mostra-nos um Jesus Ressuscitado que vem ao encontro de um seu perseguidor para despoletar nele uma grande mudança de vida. É do próprio Senhor Jesus a iniciativa de se mostrar àquele que o perseguia. Desta forma, o Senhor interrompe o caminho de perseguição e imediatamente envia Saulo noutra missão. Por conseguinte, o relato revela a imagem de um Jesus vivo e presente na história, solícito às necessidades da sua Igreja, mas respeitador da liberdade de cada um na adesão ao seu caminho. É imagem de um Deus próximo que chama cada um pelo seu próprio

nome, porque tem uma missão concreta a atribuir, ainda que se sirva de mediadores para o fazer.

Outra das imagens a reter é a do próprio apóstolo *Paulo*, de tal modo zeloso da tradição judaica que persegue incansavelmente qualquer um dos seus inimigos. Trata-se de um homem dedicado à causa que julga verdadeira, mas que é completamente surpreendido durante o seu empreendimento. É a imagem de um vigilante (atento e à escuta) que, apesar da dúvida que deixa transparecer, acolhe o que é dito, como qualquer vocacionado a uma missão específica. Do ponto de vista do autor, a imagem de Paulo é construída progressivamente ao longo da narrativa do Livro dos Actos Apóstolos: desde a sua primeira aparição durante o martírio de Estêvão (Act 7, 58), com os três textos do “caminho de Damasco” (Act 9; 22; 26), o início da actividade missionária (Act 13) e respectivas viagens apostólicas a várias paragens até chegar a Roma (Act 28). Tudo isto evidencia a construção da identidade cristã de Paulo²⁴⁶.

Act 9, 1-31 transmite, ainda, uma consistente imagem da *Igreja*. Ela é o grupo daqueles que se reúnem em nome de Jesus Cristo, independentemente do local onde estejam, um grupo, profundamente identificado com o próprio Jesus Cristo, que se mostra perseguido, porque a Igreja é perseguida; uma comunidade constantemente ameaçada pelas perseguições movidas contra Ela, mas que, onde quer que se encontre, não deixa de anunciar o nome de Jesus. Não obstante o ambiente de ameaça e perseguição, é uma comunidade que acolhe aquele que tanto mal lhe proporcionou, Saulo de Tarso. Nesse sentido, os diferentes actores contribuem para apresentar uma Igreja mediadora da acção de Deus sobre a humanidade, a qual acolhe, cura, baptiza e alimenta aqueles que dela se aproximam. Nesta imagem da Igreja podemos observar alguns dos temas mais importantes da Eclesiologia do Livro dos Actos dos Apóstolos: Deus continua a sua obra na Igreja presente; a unidade da Igreja guiada pelo Espírito Santo; uma unidade que respeita a diversidade de comunidades²⁴⁷.

²⁴⁶ Cf. D. MARGUERAT, “L’image de Paul dans les Actes des Apôtres”, pp. 135-134.

²⁴⁷ Cf. P. WALASKAY, *op. cit.*, pp. 16-18.

3. O olhar de Paulo sobre a experiência de Saulo

O que realmente aconteceu no caminho de Damasco é algo que só o próprio poderia responder. Não querendo deixar de parte um olhar sobre o *corpus* paulino neste estudo, apresentamos, então, alguns elementos concordes com o que foi visto em Act 9, 1-31 pela mão do próprio Paulo²⁴⁸.

Sendo o sujeito do acontecimento em causa, Paulo não se sentiu na necessidade de escrever muito sobre a sua própria história. A sua preocupação é, essencialmente, pastoral. Quando escreve às comunidades cristãs é porque sabe que o seu testemunho pode ajudar os seus destinatários a fazer a mesma experiência de adesão a Cristo.

Nesta busca, o primeiro elemento a ter em conta é as raízes de Paulo. Ele dá a conhecer a sua origem judaica, o seu zelo pela Lei e pela tradição hebraica a ponto de ser um grande perseguidor da Igreja de Jesus (cf. Gl 1, 13-14; 1Cor 15, 9; Flp 3, 5-6; 1Tm 1, 13).

O segundo é o encontro com o próprio Jesus. Paulo refere que lhe apareceu, tal como já havia aparecido aos apóstolos (cf. 1Cor 15, 8). Sente o chamamento de Deus que lhe revela o próprio Jesus (cf. Gl 1, 15-16) e que levou a que conhecesse os apóstolos e ficasse com eles (cf. Gl 1, 17-19). Também aqui encontramos referências a locais já indicados por Lucas: uma viagem de regresso a Damasco (v. 17) e uma viagem para a Cilícia (v. 21), região da sua cidade natal, Tarso.

Paulo dá-nos, ainda, importantes referências sobre o seu trabalho de evangelização. Transmite apenas aquilo que recebeu e conheceu: Jesus Cristo morto e ressuscitado (cf. 1Cor 15, 3). De facto, o anúncio do Evangelho (cf. Ef 3, 8) é o trabalho mais importante da Igreja e Paulo fê-lo, tal como o fizeram os apóstolos (cf. 1Cor 15, 10-11).

Mas, de todas as pistas que Paulo deixa sobre a sua adesão a Cristo, há um ponto central: a luz de Deus da qual irradia o rosto de Cristo (cf. 2Cor 4, 3-6), porque, de facto,

²⁴⁸ Cf. BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*. Segundo Bento XVI, apesar de as narrações de Lucas serem os mais conhecidos relatos sobre este episódio, não nos podemos esquecer da segunda fonte de informação sobre este episódio que é o próprio epistolário paulino.

Deus designa aqueles que chama a serem imagem de Jesus (cf. Rm 8, 28-30) e envia-os, unicamente, a evangelizar (cf. 1Cor 1, 17), uma missão que se torna uma obrigação (cf. 1Cor 9, 16).

Reunidos estes elementos, verificamos que, essencialmente, o ponto mais importante continua a ser o encontro com Jesus Cristo: “o Ressuscitado falou a Paulo, chamou-o ao apostolado, fez dele um verdadeiro apóstolo, testemunha da ressurreição, com o encargo específico de anunciar o Evangelho aos pagãos”²⁴⁹. Assim, transparece que a vocação de Paulo foi igual a tantas outras ao longo da história da Igreja: um encontro com Cristo que orienta para a comunidade “Igreja” e que atribuí uma missão específica.

4. Propostas para a Igreja de hoje

Um texto longo e rico como Act 9, 1-31 sugere algumas propostas em ordem a uma melhor vivência cristã nos dias de hoje. Podemos encontra-las se encararmos esta experiência de Saulo como um modelo de discipulado e de conversão ou adesão a Jesus Cristo.

A apresentação de Paulo pretende, segundo Lucas, “propor um modelo ideal de cristão e apóstolo”²⁵⁰. Este é um verdadeiro modelo de discipulado, porque não assenta apenas na poderosa iniciativa de Deus, mas também destaca a resposta generosa e pronta de Saulo como “opção de fé”, ou seja, uma resposta livre à iniciativa de Deus, que mostra como deve ser o comportamento de quem adere ao projecto cristão²⁵¹, a qual se apresenta como um verdadeiro paradigma para toda a humanidade, porquanto mostra que a possibilidade de adesão a Cristo está aberta a qualquer um²⁵².

Como modelo de discipulado, Act 9, 1-31 destaca-se pela sua dimensão comunitária, que transparece da constante presença da comunidade eclesial. Daqui se depreende que

²⁴⁹ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

²⁵⁰ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 183.

²⁵¹ Cf. *Ibid.*, pp. 183.190.

²⁵² Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 74.

qualquer processo de adesão a Cristo tem uma dimensão comunitária: aderir a Cristo é aderir à missão cristã no mundo. Deste modo, a comunidade cristã será marcada pela presença constante de Deus que a elegeu como “povo”²⁵³ que tem a obrigação de fazer o anúncio explícito do Senhor em quem acredita²⁵⁴. É o mesmo Deus que chama Saulo a uma missão concreta: fazer parte do apostolado cristão. Por isso, este é, também, um modelo de dimensão missionária²⁵⁵.

O episódio destaca-se, ainda, pela própria figura de Paulo, tradicionalmente considerado como um dos grandes convertidos da história da Igreja. Refira-se novamente que, por “convertido” não compreendemos uma mudança de religião ou qualquer negação da sua tradição judaica. Mais do que modelo de conversão, Paulo apresenta-se como um exemplo de fidelidade à vocação do povo eleito. Assim, à semelhança do povo hebreu, também Paulo mostra-se como aquele que é chamado por Deus a fazer caminho com Ele, a encontrar Cristo equanto luz e força para a sua missão²⁵⁶.

Com efeito, a figura de Paulo tem, neste relato, um carácter icónico: não será que Lucas propõe aos perseguidores da Igreja, seus contemporâneos, a mesma experiência de Paulo? Não estará Lucas a propor a comunidade como único caminho de adesão de Jesus Cristo? Não será o anúncio evangelizador a principal missão de qualquer cristão no mundo? São algumas questões cuja resposta deixamos em aberto para posteriores reflexões.

Cada um é chamado a fazer a mesma experiência de Saulo: deixar-se iluminar pela Luz ressuscitada e ressuscitadora. Um encontro fulminante, qual relâmpago inesperado, a fim de renascermos completamente metamorfoseados (cf. Gl 2, 20). Esta experiência de encontro com Jesus deve ser causador de alegria para todos, uma alegria que deve ser anunciada a

²⁵³ Cf. CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica de Ecclesia *Lumen Gentium*, n.º 9, in AAS 57 (1965).

²⁵⁴ Cf. FRANCISCUS PP., Adhortatio Apostolica *Evangelii Gaudium*, n.º 110, in AAS 105 (2013).

²⁵⁵ Cf. G. BARBAGLIO, *op. cit.*, p. 74.

²⁵⁶ Cf. J. ALONSO, *art. cit.*, pp. 57-58.

qualquer um e em qualquer lugar²⁵⁷. Paulo percorreu os caminhos do mundo anunciando Aquele que encontrou na estrada, tal como 1Jo 1, 3 refere: “o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos”. Aquele que encontrou – e o que anunciará – é Jesus vivo, pois “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé” (1Cor 15, 14)²⁵⁸.

Saulo anuncia aquele que o prostrou na estrada, agora “vencido mas exacerbado pela própria derrota, na esperança mais profunda do seu coração, como não haveríamos de considera-lo com emoção, e até – é preciso dizê-lo – com certa espécie de inveja?”²⁵⁹. O encontro privilegiado com Cristo encheu-o de força para levar o seu nome até aos confins do mundo (cf. Ef 3, 1-11). De facto, este encontro leva ao imediato anúncio, criando verdadeiros “discípulos missionários” porque encontrados pelo Amor de Deus em Cristo Jesus²⁶⁰. Parado pela “luz”, não cessará de a levar e iluminar todos os corações até que estejam n’Ele instauradas todas as coisas (cf. Ef 1, 10).

Podemos ainda perguntar-nos “o que significa isto para nós?”²⁶¹. Paulo, porque encontrado pelo Ressuscitado que o envolveu com a sua luz, tornou-se aberto ao “diálogo amplo com todos, tornou-se capaz de se fazer tudo em todos”²⁶². Tal como Paulo estabeleceu uma verdadeira relação de proximidade com Jesus Ressuscitado, assim também nós “somos cristãos unicamente se encontrados por Cristo”²⁶³.

Quando olhada como um modelo de discípulos, de convertidos, de iluminados ou, simplesmente, de encontrados pelo próprio Jesus, a experiência de Paulo mostra-nos que “só na relação pessoal com Cristo, só neste encontro com o Ressuscitado, nos tornamos realmente cristãos”²⁶⁴. A um verdadeiro cristão é atribuída uma missão: evangelizar²⁶⁵. Segundo o Papa

²⁵⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n.º 127-128.

²⁵⁸ Cf. *Ibid.*, n.º 275.

²⁵⁹ D. ROPS, *São Paulo, conquistador de Cristo*, p. 59.

²⁶⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n.º 120.

²⁶¹ BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo*.

²⁶² *Ibid.*

²⁶³ *Ibid.*

²⁶⁴ *Ibid.*

²⁶⁵ “A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser ‘sacramento universal de salvação’, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar

Francisco, a acção missionária da Igreja é o paradigma de toda a sua obra, porque é a obediência ao mandato do próprio Jesus²⁶⁶. O anúncio do Evangelho, além de um dom, é a nossa maneira de ser, o modo de ser da Igreja, tal como o referiu o Papa Paulo VI: “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar”²⁶⁷.

Depois de encontrados por Jesus Cristo, somos enviados com uma missão sem fronteiras, foi esta a grande mudança de Paulo na sua vida, é também a nossa:

“O nosso serviço de evangelização já não pode consistir simplesmente em evangelizar o outro até a um certo ponto, mas em evangelizá-lo até que ele sinta a necessidade de se constituir em evangelizador. Então sim, evangelizar será a nossa (de todos) maneira de ser. E estaremos sintonizados com o Apóstolo Paulo”²⁶⁸.

o Evangelho a todos os homens” (CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae *Ad Gentes*, n.º 1, in AAS 58 [1966]).

²⁶⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, n.º 15. Mt 28, 19-20 (“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei convosco até ao fim dos tempos”. Act 9, 15 (“Este homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis, e os filhos de Israel”).

²⁶⁷ PAULUS PP. VI, Adhortatio Apostolica *Evangelii Nuntiandi*, n.º 14, in AAS 68 (1976).

²⁶⁸ A. COUTO, *op. cit.*, p. 280.

BIBLIOGRAFIA

Edições da Sagrada Escritura e instrumentos de apoio

A Bíblia de Jerusalém, ed. Paulinas, São Paulo 1985.

Bíblia Sagrada, ed. Difusora Bíblica, Fátima 2008.

Novum Testamentum Graecae, ed. E. Nestlé – K. Aland, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1995.

Tradução Ecuménica da Bíblia, ed. Loyola, São Paulo 1995.

PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*, ed. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga 1998.

ZERWICK, Max – GROSVENOR, Mary, *Análisis Gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, Estella 2008.

Edições de Escritos Patrísticos

DIDACHÉ – DOUTRINA DOS APÓSTOLOS, ed. Alcalá, Lisboa 2004.

JUSTINO DE ROMA, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, ed. Paulus, São Paulo 1995.

Geral

AA.VV., *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*, ed. Centro de estudos clássicos e humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra 2012.

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael – RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Estella 2012.

AGUIRRE, María Ana, “La sabiduría de Pablo”, in *Iter*, 47 (2008), pp. 47-58.

ALONSO, Juan, “Conversión y hombre nuevo. Teología de la conversión en san Pablo”, in *Scripta Theologica*, XLI/1 (2009), pp. 47-84.

ALVES, Herculano, “Paulo, de Fariseu a Apóstolo”, in *Bíblica*, 17 (2008), pp. 19-78.

BARBAGLIO, Giuseppe, *Pablo de Tarso y los orígenes cristianos*, ed. Sígueme, Salamanca 1989.

BEAUDE, Pierre-Marie, “La conversión de saint Paul”, in *Lumière e Vie*, LVI/4 (2004), pp. 33-43.

_____, *Saint Paul: L’oeuvre de métamorphose*, ed. Cerf, Paris 2011.

BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae Deus Caritas est*, in *Acta Apostolicae Sedis* 98 (2006), pp. 217-252.

BROVETTO, Costante, “Vocação”, in AA.VV., *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, p. 874.

BRUCE, Frederick Fyvie, *The new international commentary on the New Testament: the Book of the Acts revised*, ed. Eedmans Publishing Company, Grand Rapids – Michigan 1988.

CAEIRO, António de Castro, *São Paulo, apocalipse e conversão*, ed. Alêtheia, Lisboa 2014.

- CAZEAUX, Jacques, *Les Actes des Apôtres – L'Église entre le martyre d'Étienne et la mission de Paul*, ed. Cerf, Paris 2008.
- COLZANI, Alfonso, “Conversão”, in AA.VV., *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, pp. 218-219.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae Ad Gentes*, in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966), pp. 947-990.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Ecclesia Lumen Gentium*, in *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965), pp. 5-71.
- COUTO, António, *Uma palavra é melhor que um presente*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2009.
- FABRIS, Rinaldo, *Os Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991.
- _____, *Paolo: L'Apostolo delle genti*, ed. Paoline, Milano 2005.
- FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium*, in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013), pp. 1021-1137.
- FERNÁNDEZ-MARCOS, José María, “Conversión de san Pablo. ‘Caída del caballo’ para empezar; ‘aparse de la burra’ para culminar”, in *Sal Terrae*, 96/9 (2008), pp. 737-750.
- FITZMYER, Joseph, *Los Hechos de los Apóstolos II (comentário 9, 1-28,31)*, ed. Sígueme, Salamanca 2003.
- FLICHY, Odile, *La figure de Paul dans Actes des Apôtres*, ed. Cerf, Paris 2007.
- FRADES GASPAR, Eduardo, “Pablo: el encuentro com Jesús que le cambió la vida”, in *Iter*, 48-49 (2009), pp. 11-113.
- GNILKA, Joachim, *Pablo de Tarso: Apóstol y testigo*, ed. Herder, Barcelona 2002.

- L'EPLATTENIER, Charles, *Les Actes des Apôtres*, ed. Labor et Fides, Genève 1992.
- LOHFINK, Gerhard, *La conversion de saint Paul*, ed. Cerf, Paris 1967.
- LOURENÇO, João, “Itinerários Bíblicos da fé”, in AA.VV., *A fé da Igreja*, ed. Paulus, Lisboa 2014, pp. 59-128.
- _____, “O mundo de são Paulo, duas culturas – uma mesma fé”, in *Itenerarium*, 143 (2009), pp.17-34.
- MARGUERAT, Daniel – BOURQUIN, Yvan, *Cómo ler los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000.
- MARGUERAT, Daniel, “L’image de Paul dans les Actes des Apôtres”, in Aa.Vv., *Les Actes des Apôtres: Histoire, récit, théologie (XX^{ème} Congrès d’association catholique française pour l’étude de la Bible – Angeres 2003)*, ed. Cerf, Paris 2005.
- _____, *La première histoire du christianisme (Les Actes des Apôtres)*, ed. Labor et Fides, Genève 1999.
- _____, *Les Actes des Apôtres (1-12)*, ed. Labor et Fides, Genève 2007.
- MARTINI, Carlo Maria, *Il Vangelo di Paolo*, ed. Ancora, Milano 2007.
- MCKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*, ed. Paulus, São Paulo 1983.
- MURPHY O’CONNOR, Jerome, *Paulo: biografia crítica*, ed. Loyola, São Paulo 2000.
- OLIVEIRA, Anacleto, *Um ano a caminhar com São Paulo*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2008.
- PAULUS PP. VI, *Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi*, in *Acta Apostolicae Sedis* 68 (1976), pp. 5-76.

- REYMOND, Sophie, “Paul sur le chemin de Damas (Ac 9, 22, 26). Temps et Espace d’une expérience”, in *Nouvelle Revue Théologique*, 118 (1996), pp. 520-537.
- ROPS, Daniel, *História da Igreja de Cristo I: A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, ed. Livraria Tavares Martins, Porto 1956.
- _____, *São Paulo, conquistador de Cristo*, ed. Livraria Tavares Martins, Porto 1960.
- SEGAL, Alan S., *Paul le converti: apôtre ou apostat*, ed. Bayard, Lonrai 2003.
- SUÁREZ CORDORNÍU, Carlos Luis, “Un assalto ‘que nos une en fraternidad’. Una lectura de Hechos de los Apóstolos 9, 1-19”, in *Iter*, 56 (2011), pp. 103-111.
- TEIXEIRA DE PASCOES, *São Paulo*, ed. Assírio & Alvim, Lisboa 2002.
- TERRA, Domingos, “A fé como dom e resposta da liberdade”, in AA.VV., *A fé da Igreja*, ed. Paulus, Lisboa 2014, pp. 129-180.
- TOMKINS, Stephen, *Pablo y su mundo*, ed. San Pablo, Madrid 2007.
- WALASKAY, Paul W., *Acts*, ed. Westminster John Knox Press, Louisville – Kentucky 1998.
- WIKENHAUSER, Alfreia, *Los Hechos de los Apóstoles*, ed. Herder, Barcelona 1973.

Internet

- BENEDICTUS PP. XVI, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (1): O ambiente religioso-cultural* (2 Julho 2008), Libreria Editrice Vaticana:
http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080702.html, consultado a 27 de Janeiro de 2015.

_____, “Audiência geral”, *Apóstolo São Paulo (3): A “conversão” de São Paulo* (3 Setembro 2008), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080903.html, consultado a 27 de Janeiro de 2015.

_____, “Audiência geral”, *Barnabé, Silvano e Apolo* (31 Janeiro 2007), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070131.html, consultado a 2 de Fevereiro de 2015.

_____, “Audiência geral”, *Estêvão, o protomártir* (10 Janeiro 2007), Libreria Editrice Vaticana:

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070110.html, consultado a 2 de Fevereiro de 2015.

ÍNDICE

SIGLAS	3
INTRODUÇÃO	5
I. UM ACONTECIMENTO SITUADO	9
II. O TEXTO DE ACT 9, 1-31	17
1. O texto grego	17
2. Tradução do texto	20
3. Estrutura textual	23
4. Delimitação textual	24
<i>4.1. O texto no “macro-relato”</i>	24
<i>4.2. O texto no “micro-relato”</i>	28
5. Elementos narrativos	29
<i>5.1. Os tempos do relato</i>	29
<i>5.2. Os lugares do relato</i>	33
<i>5.3. Os personagens</i>	35
6. Sinopse dos três relatos lucanos da “conversão de Saulo”	39
III. UM ENCONTRO COM A LUZ PASCAL	51
1. O encontro com o Ressuscitado	52
<i>1.1. Um encontro pessoal com Jesus Ressuscitado</i>	52
<i>1.2. Um encontro através de sinais</i>	58

2. Os mediadores	61
2.1. <i>Os companheiros de Saulo, uma mediação ocasional</i>	62
2.2. <i>Ananias, uma mediação eclesial</i>	63
2.3. <i>Barnabé, uma mediação apostólica</i>	66
3. Uma experiência de morte e de ressurreição	68
4. Um chamamento a uma mudança radical	74
4.1. <i>“Conversão” ou “Vocação”?</i>	74
4.2. <i>Uma adesão a Jesus Cristo</i>	77
CONCLUSÃO	81
1. Um caminho iluminado	81
2. Imagens de sempre: riqueza e discernimento	82
3. O olhar de Paulo sobre a experiência de Saulo	84
4. Modelos para a Igreja de hoje	85
BIBLIOGRAFIA	89